

2

PÁGINA

Trajectoria da Lei
10.639/03
Daniel de Oliveira

Entrevista com
Amanda Batista Braga

3

PÁGINA

O ser invisível
*Luiz Valério de Paula
Trindade*

4

PÁGINA

Racismo, estudos pós-
-coloniais e
a contribuição do
feminismo negro
*Gislene Aparecida dos
Santos*

FÓRUM



Shutterstock

EM CORES FORTES

Nas últimas décadas, os movimentos ligados à defesa da população negra intensificaram sua luta pela ampliação de direitos e pela redução das desigualdades de caráter racial na sociedade brasileira. Os debates apontam para as diversas dimensões desse problema e geralmente

envolvem o combate a preconceitos seculares. Entre outros efeitos, esses preconceitos impõem padrões de beleza europeus e “apagam” a presença de afrodescendentes nos meios de comunicação. O empenho pela afirmação racial se expressa, por exemplo, no campo educacional, a partir

de temas como a reivindicação por cotas na educação superior e a legislação para garantir o ensino da história e da cultura de gênese africana nas escolas. Outra questão relevante é a da mulher negra, que une as demandas femininas com a busca pela valorização da comunidade de origem africana no País.

TRAJETÓRIA DA LEI 10.639/03

Daniel de Oliveira

O ano de 2003 é um divisor de águas a respeito da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, pois foi no dia 9 de janeiro de 2003 que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), sancionou a Lei Federal 10.639/03, que tem como escopo principal estabelecer que os conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana sejam ministrados em sala de aula, com o intuito de eliminar o racismo através da educação e de demonstrar as diversas contribuições que a África trouxe à cultura brasileira, por exemplo: no conhecimento científico, na música e na dança, no vocabulário, na culinária, na religião etc.

Sobre as primeiras formas de organização negra, no final do século XIX e início do século XX, Domingues (2007, p. 103) afirma que “para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação”. [...] Temos o exemplo da Frente Negra Brasileira (FNB), que depois de sua fundação em 1931, em São Paulo, “a entidade desenvolveu um considerável nível de organização, mantendo escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico, além de oferecer serviço médico e odontológico, cursos de formação política, de artes e ofícios, assim como publicar um jornal, o *A Voz da Raça*” (DOMINGUES, 2007, p. 106).

Temos algumas décadas posteriores o Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944, com Abdias Nascimento como organizador e sua principal liderança (DOMINGUES, 2007). O teatro tinha como um de seus objetivos dar oportunidade e, também, preparar pessoas negras para a teatralização, tendo em vista que essas pessoas estavam à margem e não tinham a possibilidade de atuar em nenhuma outra instituição teatral. [...]

Nas décadas de 1970, 1980 e 1990 do século passado temos uma reorganização do Movimento Negro. Agora, com uma característica da luta internacional contra a discriminação racial, com a luta pela descolonização e libertação de Angola e Moçambique e a luta pelos direitos civis dos afro-americanos nos EUA. [...] No ano de 1988, depois do período de redemocratização, o debate era a respeito da inserção na Constituição brasileira de antigas demandas da população afrodescendente, dentre as quais a criminalização do racismo. [...]

Assim, portanto, para que a luta visualizada no decorrer do século XX fosse concretizada na legislação brasileira, isto é, materializada através da tinta no papel, muitas disputas foram travadas após a proclama da República até aos



Albert Eckhout - Reprodução

Lei estabelece que conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana sejam ministrados em escolas

dias atuais, mais precisamente em 2003. Dessa forma, acreditamos que a Lei 10.639/03 não foi alcançada pela generosidade de nenhum governante, mas pela luta e persistência dos Movimentos Negros, militantes em prol da igualdade racial e valorização cultural da população negra, e de outros movimentos sociais sensibilizados com a situação de negro no Brasil (THOMPSON, 1998; DOMINGUES, 2007; OLIVEIRA, 2012). [...]

Referências

DOMINGUES, Petrônio. “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”; *Revista Tempo*, n. 23, Vol. 12, 2007, p. 100-122.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. “Trajetórias, histórias e episódios na construção da Lei 10.639/03”. In: *História da África e dos africanos na escola*. Rio de Janeiro: Imperd Novo Milênio, 2012, p. 81-138.

THOMPSON, E. Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Daniel de Oliveira é professor de História da rede municipal de educação da cidade de Caiçara (PB) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço.

Este artigo está disponível no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço <<http://goo.gl/E407BU>>.

A AFIRMAÇÃO DA BELEZA SOBRE O PRECONCEITO

AMANDA BATISTA BRAGA

Por Oscar D'Ambrosio

Lançado este ano, o livro *História da beleza negra no Brasil* (UFS-Car) faz uma análise discursiva sobre os conceitos de beleza negra no País a partir de uma perspectiva histórica. Sua autora é Amanda Batista Braga, professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que discute a obra nesta entrevista. Amanda possui graduação em Letras pela UFPB, mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutorado em Letras pela UFPB, com período cotutelar na UFSCar. É coordenadora do Observatório do Discurso, onde desenvolve pesquisa em Análise do Discurso com ênfase nos temas: discurso, imagem, semiologia e relações raciais.

CADERNO FÓRUM: Qual é o objetivo principal do livro?

AMANDA BATISTA BRAGA: O livro está vinculado a minhas pesquisas na pós-graduação sobre políticas afirmativas, estabelecidas pelo governo federal em 1996. Antes disso, falava-se em integração do negro à sociedade branca. Depois, a questão da identidade ganhou espaço, com um processo de afirmação, na mídia impressa e digital, e com produtos étnicos ganhando muita força como símbolos de afirmação. A estética torna-se muito relevante. É o que ocorre não só com o cabelo, que já cheguei a estudar, mas com o corpo negro como um todo. O livro, nesse sentido, poderia ser chamado de uma história ou uma arqueologia do corpo africano.

CF: Como você organiza essa história?

AMANDA: Inicialmente, faço uma reflexão sobre o período da escravidão, que engloba do século XVI ao XIX, com anúncios de jornais, litogravuras e fotografias. Depois, no pós-abolição, trato basicamente do século XX, verificando como foram tratadas as memórias do período escravocrata, estudando o que foi mantido ou atualizado. No terceiro momento, pós-1996, discuto de que modo as políticas de afirmação se apropriam dessas memórias. São assim três momentos: a beleza castigada, a moralizada e a multiplicada.

CF: Nesse contexto, qual é a sua percepção do racismo no Brasil de hoje?

AMANDA: O preconceito é complexo e passa por diversos fatores e valores. O movimento negro está disseminado pelo País e tem força pela existência de uma Secretaria de Política de Igualdades Sociais. Isso dá visibilidade à questão racial, que envolve, por exemplo, a presença de negros em anúncios de publicidade e a discussão por cotas nas universidades.



O SER INVISÍVEL

Luiz Valério de Paula Trindade



É sabido que a escravidão de indivíduos africanos no Brasil perdurou por 3,5 séculos e, muito tristemente, diga-se de passagem, foi a mais longa do planeta. [...]

Seguramente que muito já foi discutido sobre a falácia da chamada democracia racial brasileira (a qual preconizava a perfeita harmonia entre as raças) e conceitos intrinsecamente correlatos como, por exemplo, a ideologia do embranquecimento da população negra por intermédio da depuração da raça provocada pela miscigenação com imigrantes europeus. Contudo, é importante ressaltar a existência de uma forma bem mais sutil e sofisticada de difusão e reforço na sociedade da ideologia do embranquecimento e europeização dos brasileiros. Trata-se de uma forma de discriminação que se manifesta, sobretudo nos meios de comunicação social (televisão, cinema, propagandas, revistas, jornais e livros didáticos) sob duas vertentes principais: a) invisibilidade social dos indivíduos negros; b) visibilidade impregnada de estereótipos.

Essa invisibilidade é facilmente verificável na medida em que, por exemplo, muito dificilmente se identificam jornalistas negros como apresentadores de telejornais de destaque; ausência de programas de TV em horário nobre comandados por negros e, além disso, observa-se também que anunciantes geralmente não retratam negros como consumidores ou endossadores de uma ampla variedade de produtos [...]. Por outro lado, a visibilidade estereotipada se manifesta pela clara associação de indivíduos negros predominantemente a atividades de baixa qualificação e remuneração ou, então, como profissionais de entretenimento e esportistas. Cria-se e reforça-se no imaginário coletivo que as possibilidades de ascensão social dos indivíduos negros estão circunscritas unicamente às artes performáticas (principalmente a música e a dança) e atividades esportivas (sendo que o futebol ocupa lugar de destaque nesta seara). [...]

Levando-se em consideração que cerca de 90% dos lares brasileiros possuem aparelhos de TV, significa dizer que esse modelo de representação atinge enorme parcela da população (pra não dizer em sua totalidade).

Esse quadro mantém convergência com o que se chama Teoria da Cultivação, de autoria do professor de comunicação de origem húngara George Gerbner, a qual postula que a repetida exposição de determinadas formas de representações sociais pelos meios de comunicação de massa tende a torná-las aceitas por seus receptores como a expressão fiel da realidade.

Sendo assim, esse quadro de contínua invisibilidade social dos negros simultaneamente à sua visibilidade estereotipada provoca comprometimento em sua autoestima, na medida em que eles se veem impossibilitados de notar-se retratados como membros constituintes da sociedade; causa severas limitações em termos de possibilidades de ascensão social, em virtude da elevada carência de exemplos em um amplo leque de papéis sociais; e, por fim, pode afetar o processo de construção e

manutenção da identidade étnica, por eles se verem, sutilmente, forçados a se adaptarem aos valores, gostos, crenças e comportamentos da elite dominante (esta predominantemente branca).

Portanto, a mensagem que gostaria de registrar e compartilhar com a comunidade negra é que, lamentavelmente, os sofisticados mecanismos de discriminação e racismo atuantes no Brasil têm evoluído de tal forma a, primeiramente, tentar branquear o negro e, não satisfeitos, mais recentemente, torná-lo um ser praticamente invisível (ou quase incolor por assim dizer, já que o efeito seria análogo).

Luiz Valério de Paula Trindade é mestre em Administração de Empresas pela Universidade Nove de Julho (SP) e atualmente é doutorando em Sociologia na Universidade de Southampton (Inglaterra), onde investiga o papel das piadas depreciativas na construção, reprodução e reforço de estereótipos raciais de indivíduos negros..

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* dia 26 de maio de 2015.

Este artigo está disponível no "Debate acadêmico" do *Portal Unesp*, no endereço <<http://goo.gl/4UVpwn>>.

Meu livro poderia ser chamado de uma história ou uma arqueologia do corpo africano

CF: Quais são os desafios envolvendo as políticas afirmativas?

AMANDA: São muitos. Incluem driblar os discursos racistas consolidados sem uma tentativa de branqueamento do negro e sem defender uma democracia racial mítica. Na questão estética, há ambiguidades. Há duas forças concorrendo. De um lado, busca-se afirmar a identidade. De outro, permanece a imagem da escrava doméstica sexual dos rótulos de cerveja brasileiros. São duas imagens que circulam na mídia. A primeira mantém viva uma tradição histórica; a segunda, a ressignifica e reconstrói discursos.

CF: E as universidades? Como se situam?

AMANDA: Em muitas delas há núcleos de estudos afrobrasileiros, em alguns casos também incluindo questões indígenas. Muitos já têm uma história e são consolidados com ampla produção acadêmica e ampla experiência na organização de congressos. Toda essa discussão e esse diálogo geram grande aprendizado e estimulam o debate. É o que ocorre com as cotas. Há opiniões diversas no movimento negro. Sou a favor delas pensando em meios de consolidação e de combate à discriminação dos cotistas. Isso inclui o debate sobre a inserção e a permanência deles na universidade. Uma discussão é que, pela autodeclaração, por exemplo, não tem como saber quem é negro de fato no Brasil, mas quem sofre preconceito sabe.

Leia artigo na revista *Unesp Ciência*:

<<http://goo.gl/Ydd0lj>>

RACISMO, ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E A CONTRIBUIÇÃO DO FEMINISMO NEGRO

Gislene Aparecida dos Santos



Shutterstock

Fanon (1983) foi um dos primeiros autores que, na perspectiva crítica dos efeitos da colonização sobre os povos colonizados, sinalizou para as tensões psíquicas e políticas que se entrelaçavam na dialética construção das identidades negra-branca a partir de discursos que negavam o reconhecimento do negro como cidadão pleno.

Tempos depois, Quijano alertou para o fato de a América Latina ter sido constituída por meio de uma estrutura de poder colonial e global tendo a Europa como centro e lócus de controle desse poder alicerçado em torno da categoria “raça”. Isso se deveria ao que Quijano e Wallerstein (1992) denominam como sistema mundo capitalista moderno/colonial, que sustenta a Modernidade desde sua criação no século XVI até os dias atuais. Esse poder foi alicerçado em quatro pilares: a colonialidade, a etnicidade, o racismo e o conceito de novidade (newness). O sistema se mantém atuante sob a forma de hierarquias entre o mundo europeu e o mundo não-europeu.

O conceito de colonialidade do poder explicita como as Américas foram inventadas e espoliadas pelo sistema mundo capitalista/moderno/colonial e explica como as estruturas de poder se atualizam por meio da articulação de novas formas de hierarquizações alicerçadas em torno da exploração dos sujeitos racializados. Avalia como essas hierarquizações se reproduzem nas dimensões de poder, saber e ser e por meio do controle da economia, de quem possui autoridade, controle dos recursos naturais, das relações de gênero, da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento (BALLESTRIN, 2013).

Criadas essas categorias, aqueles que outrora foram ashantis, bacongós, congós, iorubas, zulus etc. passaram a ser designados somente como “negros”. Quijano avalia que o sequestro, a escravização e a violência da racialização resultaram na destruição da subjetividade desses povos e também foram responsáveis pela destruição e apagamento gradativo da experiência e da memória que possuíam de suas

Em sociedades racializadas, há intersecção de opressões num espaço eurocêntrico, onde mulheres negras são praticamente invisíveis

sociedades, dos modos como se relacionavam, do como as relações se estabeleciam.

Se a colonialidade do poder é algo que revela como a produção colonial se estabelece por meio do pensar, sentir, falar, a ruptura com esse padrão colonial implica a destruição dos discursos e das práticas que reiteram essa estrutura colonial e da colonialidade. É preciso deslocar o olhar do centro para as margens e assumir práticas de-coloniais. É preciso que as práticas opressivas sejam desnudadas por novas produções de conhecimento e as histórias dos povos negros (e, neste caso especificamente das mulheres negras, as mais vulneráveis) precisam ser contadas.

Os estudos pós-coloniais, em uma perspectiva feminista, revelam um quadro teórico que ilustra as experiências históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas das mulheres negras que assumem uma ótica diaspórica, internacional, de-colonial. A partir dessas experiências focalizadas na sabedoria, nas habilidades e nos esforços de mulheres negras, Wane (2009), seguindo Alice Walker, definiu os princípios fundamentais do feminismo negro como sendo: a organização, o coletivismo, a resistência, o respeito mútuo, a produ-

ção de conhecimento, o armazenamento do conhecimento, a divulgação da cultura, a reciprocidade, a autodeterminação, a resiliência, os cuidados com a comunidade, a maternagem, o fortalecimento mútuo, a autoconfiança e a espiritualidade.

Wane acredita que o termo “mulheres negras” captura heterogeneidade e complexidade e diz respeito a todas as mulheres negras que vivem em sociedades racializadas e multiculturais. Nessas sociedades, há uma intersecção de opressões em um espaço predominantemente branco, eurocentrado, onde as mulheres negras são praticamente invisíveis.

Outra característica distintiva do pensamento feminista negro (cf. COLLINS, 1990) é ressaltar que a mudança na consciência dos indivíduos é tão essencial para a transformação social das instituições políticas e econômicas quanto quaisquer outras. O autoconhecimento e o fortalecimento de estruturas subjetivas são importantes para a construção de sociedades justas e sem desigualdades.

Referências

- BALLESTRIN, L. “América Latina e o giro decolonial”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.11, 2013, p. 89-117.
- COLLINS, P. H. *Black Feminist Thought*. New York: Routledge, 1990.
- FANON, F. *Pele Negra. Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- QUIJANO, A. & WALLERSTEIN, I. “Americanness as a concept, or the Americas in the modern world-system”. *International Social Science Journal*, v. 44, n. 4, 1992, p. 549-557.
- WANE, N. “Black Canadian feminist thought: perspectives on equity and diversity in the academy”. *Race Ethnicity and Education*, 12:1, 65-77, 2009.

Gislene Aparecida dos Santos é professora da Universidade de São Paulo (USP) e autora dos livros: *A invenção do ser negro; Mulher negra. Homem branco; Reconhecimento, utopia, distopia: os sentidos da política de cotas raciais; Ética, pesquisa e políticas públicas*. email: <gislene@usp.br>.



8 Novas parcerias de pesquisa com instituições da Austrália e da Inglaterra

12 Unesp avança em rankings da América Latina e de países emergentes

11 Botucatu inaugura fábrica de ração, baias de animais e outras instalações



jornal unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXXI • NÚMERO 313 • AGOSTO 2015



Imagens 123RF

INICIATIVAS CONTRA A VIOLÊNCIA

Universidades de todo o País têm registrado um volume preocupante de atos violentos, envolvendo ocorrências como abusos em trotes, racismo, homofobia e estupros. A Unesp tem reagido contra esse fenômeno, adotando iniciativas que vão de medidas preventivas como a criação do Grupo de Trabalho de Prevenção da Violência à apuração e punição de infrações. **páginas 2 a 6.**

7 Grupo de Guaratinguetá descreve origem e evolução dos asteroides Cybele

10 Obra explica onde estão e como são formadas reservas de água subterrânea

14 A saga dos estudantes do Timor Leste que estudam Meteorologia em Bauru

A cor em questão
Caderno apresenta as várias dimensões da luta dos negros brasileiros contra o preconceito



Universidade, violências e Direitos Humanos

Clodoaldo Meneguello Cardoso

Shutterstock



A Educação em Direitos Humanos combate violações oriundas da cultura conservadora, autoritária e individualista que sustenta discriminações e preconceitos

Muito se têm propagado pela imprensa os atos de violência ocorridos em várias universidades públicas brasileiras. São trotes agressivos, atitudes de racismo, homofobia, autoritarismo, assédio sexual, estupro e outras violências, sofrimentos físicos e humilhação moral.

O fenômeno não se restringe ao Brasil; tem presença em universidades de vários países e tem perfil bastante semelhante. Nos EUA, o Departamento de Educação do governo, juntamente com a Polícia Federal, investiga casos de abusos sexuais em dezenas de universidades, entre elas a renomada Harvard. Aqui, a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa de São Paulo investiga as denúncias de estupro, tentativas de estupro e outros casos de violência nas universidades públicas do Estado. E na UERJ não é diferente. Só em 2014, foram registrados cinco casos graves de violência na universidade. A Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina estuda medidas para diminuir a crescente violência na universidade.

A violência no interior da universidade tem múltiplas e complexas causas. Podemos relacionar algumas ao *modus vivendi* individualista da cultura contemporânea; outras têm origem na própria estrutura da sociedade brasileira, marcada por desigualdades; há ainda aquelas relacionadas ao uso e abuso do álcool e outras drogas e ainda podemos situar causas na condição da juventude em processo de formação biopsíquica e moral.

Há, contudo, um conjunto de causas que nos diz respeito enquanto educadores: são aquelas relacionadas à formação ético-política de nossas crianças, adolescentes e jovens no processo da educação formal e informal.

Indivíduo nenhum nasce com esta ou aquela mentalidade. Sua visão de mundo é construída a partir de suas experiências de vida sedimentadas pela educação informal e formal. A educação, portanto, tem um papel importante, mas não exclusivo, na transformação de mentalidades e comportamentos.

Muito do comportamento individualista, de pouca consciência crítica e responsabilidade

social, de alunos e docentes universitários é fruto da educação liberal recebida desde a infância, em que se enfatiza a formação como um processo fundamental de aprimoramento pessoal intelectual e moral, como conquista exclusivamente pessoal e para fins pessoais. Nesse contexto, a responsabilidade social do indivíduo fica apenas num plano de solidariedade funcional e profissional ou no máximo em projetos pessoais assistencialistas. Toda e qualquer ascensão ou fracasso nas etapas de formação escolar ou profissional são vistos como conquista exclusivamente individual. A escola não (ou pouco) proporciona vivências reflexivas de convivência na diversidade, de ações coletivas de participação democrática, de solidariedade e de sensibilidade ética em relação ao outro. A educação liberal favorece atitudes de individualismo, prepotência e autoritarismo que são a antessala da discriminação, do racismo, da homofobia e da violência contra a mulher e de outras violências.

A Educação em Direitos Humanos (EDH), na visão

contra-hegemônica e emancipadora, procura contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de respeito à dignidade humana sem discriminação e de uma convivência de solidariedade entre pessoas, grupos e povos. Há consciência de que esse objetivo somente é atingido com mudanças estruturais na sociedade; por isso, a EDH atua no combate às violências comportamentais de indivíduos e grupos, em especial àquelas violações dos direitos humanos oriundas da cultura conservadora, autoritária e individualista que é a base de sustentação de discriminações, preconceitos e de toda sorte de exploração e humilhação do outro.

A partir dessas considerações, é possível pensar um dos aspectos das violências em nossas universidades como ponto de chegada da educação formal. Quais valores ético-políticos estamos estimulando em nossos alunos? Há realmente uma preocupação pessoal e institucional da dimensão social e política em nossos PPP – Projeto Político Pedagógico? Qual o grau de comprometimento pessoal e institucional

com a responsabilidade social da Universidade Pública, num país e num continente ainda marcado por profundas desigualdades? Docentes, alunos e funcionários têm participação efetivamente democrática nas decisões da vida acadêmica? Há preocupação com a humanização das relações intersubjetivas na vida acadêmica?

Esses aspectos precisam estar no conjunto das reflexões e medidas de combate às violências na Universidade, melhor dizendo, na construção de uma Universidade humanizada, reflexiva e democrática.

A Educação em Direitos Humanos tem propostas a contribuir.

Clodoaldo Meneguello Cardoso é coordenador do Observatório de Educação em Direitos Humanos da Unesp.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 2 de julho de 2015.

Em defesa das mulheres

Rosmary Corrêa, a Delegada Rose, discute história da luta contra violência de gênero no País

Oscar D'Ambrosio

Dia 28 de maio, a **Unesp** recebeu a visita de Rosmary Corrêa, a Delegada Rose, subsecretária de Assuntos Parlamentares da Casa Civil do Governo do Estado de São Paulo. Na sala do Conselho Universitário da Reitoria, ela realizou uma palestra intitulada "Reconhecimento e prevenção à violência contra a mulher. Você sabe o que é isso?". A visita foi uma iniciativa do Projeto Rede Viva Melhor – Reitoria, em parceria com o Gabinete, a Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex), a Assessoria Jurídica (AJ) e a Seção Técnica de Saúde (STS) – Reitoria.

Rosmary foi eleita deputada estadual em 1990, sendo reeleita em 1994, 1998 e 2002. Sua atuação parlamentar foi voltada para a segurança pública e para o combate à violência e à discriminação contra a mulher. Ex-secretária da Promoção Social e do Menor, ela fundou a primeira Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, em 1985.

Leia alguns trechos da palestra:

GRAVIDADE DO PROBLEMA

A violência contra a mulher é um problema extremamente sério – não só no Brasil – e envolve a violação dos direitos humanos. Na década de 1970, os movimentos de mulheres eram muito ativos no País e tinham o poder de pressionar os governos para que eles assumissem compromissos e criassem mecanismos de defesa. Em 1983, foi criado, por exemplo, o Conselho Estadual da Condição Feminina, que hoje presido. Essa iniciativa, pioneira no Brasil, foi essencial para articular a criação, em 1985, da Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, iniciativa pioneira no mundo. Era algo novo e, quando assumi o cargo, não sabia exatamente quais seriam os caminhos a serem trilhados.

POLÍTICAS PÚBLICAS

A delegacia da mulher foi uma das primeiras políticas públicas significativas na área. Logo ficou claro que, sozinha, não resolveria os problemas. Fazer um boletim de ocorrência era importante, mas também era preciso atendimento psicológico, pois, geralmente, a mulher vítima de violência já perdeu a autoestima e, por isso, não denuncia o marido ou companheiro. Era necessário um trabalho psicológico para que as mulheres fizessem as denúncias.

Lei Maria da Penha, embora seja das melhores do mundo, não é respeitada em sua totalidade



Shutterstock

ATENDIMENTO SOCIAL

Faltava ainda um atendimento social, porque muitas mulheres não tinham condições financeiras de sair de casa e se sustentar sozinhas após a denúncia. Nesse sentido, as assistentes sociais faziam um trabalho digno de todos os elogios. Esse apoio, porém, também não era suficiente, pois havia mulheres que tinham medo de, ao retornar para as suas casas, sofrerem novas agressões ou mesmo serem mortas. Foram então criados, em 1986, abrigos para mulheres vítimas de violência.

QUESTÃO JURÍDICA

Faltavam, porém, leis que protegessem especificamente a mulher. A Lei Maria da Penha, nº 11.340/2006, define o que é violência contra a mulher. Ela atua em várias esferas. Há a física, que é mais evidente, e a sexual, muito subnotificada, pois não é fácil para a mulher denunciar um estupro, principalmente se o agressor é alguém da família ou um conhecido. A questão é que a mulher dificilmente faz a denúncia, e a relação sexual nem sempre deixa marcas de



Daniel Patire

Delegada Rose: saída é estudar e propor ações contra violência

violência. Quando a mulher não corre o risco de gravidez, geralmente ela sequer conta para a melhor amiga e muito menos para o marido, porque, por mais sólida que seja a relação entre o casal, surge uma difícil situação para ambos. Hoje, admite-se legalmente que pode haver estupro inclusive dentro do casamento, quando a mulher não quer ter uma relação sexual e é forçada a isso. Por tudo isso, a Lei Maria da Penha, embora seja uma das melhores do mundo, ainda não é respeitada em sua totalidade.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

O Instituto Avon realizou uma pesquisa sobre violência doméstica buscando entender por que a mulher agredida permanece em muitos casos com o agressor. Uma resposta é a dependência econômica, já que muitas dessas mulheres não trabalham ou não têm capacitação profissional, um tópico que está além da delegacia da mulher ou do abrigo. Outra é a dependência emocional. A mulher agredida busca recuperar o homem com o qual casou, a quem via sem atitudes bruscas. O círculo vicioso é agressão, denúncia, pedido de desculpas e nova agressão. Essa mulher não quer o marido preso, mas deseja ter de volta o homem pelo qual se apaixonou.

FUTURO

Cabe à sociedade mobilizar-se para, por meio de pesquisas científicas e quantitativas, verificar o que está acontecendo hoje e propor estratégias e planos. Estudar a violência e sugerir ações concretas são maneiras de pressionar as autoridades a investir em programas

que vão da construção de abrigos para mulheres vitimadas a projetos de capacitação profissional. Nesse sentido, a conquista mais recente é a Casa da Mulher Brasileira, um dos eixos do programa Mulher, Viver sem Violência, coordenado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. Trata-se de um espaço, já inaugurado no Mato Grosso e no Distrito Federal, com previsão de ser implantado em todas as capitais, que reúne delegacia da mulher, defensoria pública, atendimento social e psicológico e alojamentos, entre outros serviços, num mesmo local. Ajudar a divulgar essas ações muda o presente e o futuro.

Ouçá Podcast com a Delegada Rose
Palestra na Reitoria da Unesp enfoca prevenção à violência contra a mulher:
<<http://goo.gl/jWJgyX>>.

Assista à palestra em:
<<https://goo.gl/3wrnwl>>.

REFLEXÃO CONTRA A VIOLÊNCIA

Especialistas apontam complexidade desse fenômeno e ressaltam que a universidade deve se engajar para combater suas manifestações, tanto em nível mais amplo como dentro de sua própria comunidade

Daniel Patire

Um dos assuntos que mais têm chamado a atenção do País é a violência, cujas manifestações são sentidas em vários aspectos da vida brasileira, inclusive na área educacional. A **Unesp** desenvolve um amplo esforço para prevenir e combater atos violentos em sua comunidade. As iniciativas vão da realização de debates e reflexões até punições de envolvidos em ações consideradas abusivas.

Um dos exemplos mais recentes desse empenho foi a atividade que teve como tema "A prevenção à violência na universidade na perspectiva do gestor", realizada no dia 30 de junho, em São Paulo. O evento foi promovido pela Escola Unesp de Liderança e Gestão, em parceria com as Pró-reitorias de Graduação e de Extensão Universitária. A ação integra o campo de atuação do Grupo de Trabalho Prevenção da Violência <<http://www.unesp.br/prevencaodaviolencia>>, instituído pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE) da Universidade e por portaria do reitor de 22 de maio de 2015. (Veja quadro.)

Na abertura dos trabalhos, a vice-reitora Marilza Vieira Cunha Rudge destacou a necessidade de formar gestores para trabalhar a questão da violência. "É um assunto difícil e complexo, mas a **Unesp**, com sua capilaridade e presença em 24 cidades paulistas, pode e deve contribuir nessa questão nas áreas de sua influência", comentou. "Todos, sociedade, universidade, pais, estudantes, têm uma parcela de responsabilidade nessa questão", acrescentou Mariângela Fujita, pró-reitora de Extensão Universitária. "Temos que recorrer à ciência para uma reflexão profunda, investigando o que ocorre, construindo estratégias e dando continuidade ao que já vem sendo feito", completou José Brás Barreto de Oliveira, assessor da Pró-reitoria de Graduação, que representou o pró-reitor Laurence Colvara.



É preciso formar gestores para enfrentar problema, diz Marilza



Todos têm uma parcela de responsabilidade, afirma Mariângela



Ana Cecília defende atualização de políticas para o álcool



Para Ana Regina, ação pontual não soluciona questão do álcool



Ciência contribui para reflexão mais profunda, segundo Oliveira



Fernandes analisou violência dentro e fora da Universidade

IMPORTÂNCIA DO ÁLCOOL

Na parte da manhã foram realizadas três palestras. Ana Cecília Petta Roselli Marques, da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas, focou o tema "Políticas para o álcool: onde estamos e para onde vamos?". Ela apontou o álcool como o principal problema associado à violência e discutiu questões como a necessidade de colocar em prática e atualizar as leis vigentes.

A especialista argumentou que a bebida, em suas origens, foi utilizada de maneira controlada como forma de socialização, mas, desde o século XIX, passou a ser uma indústria, com toda uma economia girando em torno dela. Em relação aos universi-

tários, ela disse que pressões e influência dos grupos que eles frequentam são essenciais em seu comportamento.

Ana Cecília explicou ainda que medidas integradas de várias ordens são o melhor caminho para enfrentar o desafio. Isso incluiria o treinamento permanente de gestores, a execução de programas de prevenção e a aplicação de diferentes projetos para diferentes grupos, sempre enfatizando a necessidade de ações continuadas dentro de uma política institucional.

FENÔMENO AMPLO

Ana Regina Noto, técnica da Campanha Nacional sobre Drogas nas Escolas Superiores e profes-

sora da Disciplina de Medicina e Sociologia do Abuso de Drogas (Dimesad) na Unifesp, discorreu sobre "Drogas e violência: qual a relação?". Na sua opinião, a violência é um fenômeno amplo, com uma dimensão mais silenciosa, familiar, e outra mais pública, que chega à mídia.

Segundo a docente, as pessoas que praticam atos violentos sob a influência do álcool geralmente recordam menos aquilo que fizeram do que aquelas que consomem cocaína ou crack. Além disso, fatores biológicos, psicológicos e sociais e diferentes graus de vulnerabilidade tornam a questão extremamente complexa.

Para Ana Regina, ações pontuais não dão conta do problema do

uso abusivo de álcool e de suas associações com a violência. As dúvidas são de várias ordens e incluem questões sobre a irresponsabilidade dos estudantes, a negligência da universidade e a adequação das leis. Uma solução assinalada pela pesquisadora são ações em que as pessoas se protejam mutuamente. Aproximar-se do estudante, conversando com ele e prestando acolhimento, com uma política de amplo acesso às leis e à informação sobre o tema, é uma alternativa que ela considera possível.

O PAPEL DAS LEIS

Professor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da **Unesp** de Franca, Fernando Andrade Fernandes fez uma análise dos vários tipos de violência, envolvendo pessoas da comunidade unespiana e de fora dela, tanto no ambiente interno como externo à Universidade.

Fernandes assinalou a legislação vigente e destacou a diferença entre uma Comissão Sindicante, que apura se um fato ocorreu e quem são os possíveis envolvidos, e o Processo Administrativo Disciplinar, que pode estabelecer sanções, inclusive a demissão de um servidor ou o desligamento de um estudante, após ser garantido ao envolvido amplo direito de defesa e contraditório.

O professor da **Unesp** destacou que as leis não resolvem sozinhas os problemas, mas são uma dimensão importante após a ocorrência um fato considerado violento. Ele acredita que, em vez de ter muitas leis ou criar novas, é melhor não economizar esforços em cumprir e exercitar a interpretação daquelas já existentes.

Na parte da tarde, houve discussões em grupos e sessão plenária sobre o papel do gestor na problemática da violência na Universidade e sobre os caminhos que devem ser seguidos para que os diferentes níveis de gestão possam cumprir o seu papel.

Fotos Daniel Patire

Grupo de Trabalho de Prevenção da Violência inicia trabalhos

Reunião por videoconferência definiu quatro subgrupos

Daniel Patire

No dia 20 de março, o Grupo de Trabalho (GT) de Prevenção da Violência realizou por videoconferência a sua primeira reunião. O Grupo foi instituído no dia 10 de março pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE).

Coordenado pela vice-reitora Marilza Vieira Cunha Rudge e com a participação de docentes, alunos e servidores de diferentes unidades da Universidade, o GT estabeleceu a criação de quatro subgrupos, que iniciaram imediatamente os seus trabalhos na prevenção da violência: Formação de Profissionais para Atuação na Área; Conscientização da Comunidade e Divulgação das Ações; Estabelecimento de Marco Regulatório e de Ações de Fomento a Direitos Humanos; e Acompanhamento do Desempenho Acadêmico.

A primeira reunião do Grupo, ainda sem o atual nome e sem o vínculo institucional ao CEPE, ocorreu em novembro de 2014. Entre as ações já em andamento pelo GT está a publicação de um manual para calouras com o objetivo de orientá-las contra abusos sexuais. Esse material é

preparado pelo Coletivo Genis, integrado por alunas da Unesp de Botucatu, e é financiado pela Universidade.

O GT tem como objetivo fomentar a saúde, o esporte, a cultura e o lazer, criando novos mecanismos, mais próximos dos alunos e de suas necessidades em todos os aspectos, acadêmicos, sociais e psicológicos, num contexto que leve em conta o ambiente universitário e a sociedade como um todo.

O Grupo vai estudar e propor alterações na legislação da Universidade, tanto no sentido educativo como averiguativo e punitivo, e focar ações complementares às que já vêm sendo realizadas. Outra proposta em andamento é a capacitação de profissionais para visitar as 34 faculdades e institutos da Unesp como uma ação da Coordenadoria de Saúde e Segurança do Trabalhador e Sustentabilidade Ambiental (Cotsa).

Entre as ações em curso na Universidade estão programas contra abuso do uso de álcool e drogas, hoje coordenados pela Rede Vida Melhor, além de recepção acadêmica e científica e de conscientização, realizada pelas vice-diretorias, que envolve estudantes ingressantes, veteranos e pais. Materiais



Equipe vai propor alterações na legislação da Universidade, no sentido educativo e punitivo

impressos nesse sentido são amplamente distribuídos. As vice-diretorias e ouvidorias locais e central agem contra qualquer evento que possa desrespeitar, humilhar ou constranger qualquer integrante da comunidade unespiana.

Em caso de atos pretensamente violentos, uma comissão responsável pela apuração deverá levantar informações, confrontando sua veracidade, obtendo nomes, datas, horá-

rios, fiscalizando a existência de câmeras, fotos e requerendo providências que se façam necessárias e que possam resultar em provas substanciais. Cabe à Comissão de Apuração Preliminar, na conclusão de seus trabalhos, relatar o apurado e verificar se houve alguma infração ao Regimento Geral da Unesp. Nesse caso, será aberta Sindicância, que pode aplicar as sanções previstas no artigo 162 do mencionado Regimento.

O Regimento Geral da Unesp está disponível em: <http://goo.gl/wUKJDb>.

Mais informações sobre o Grupo de Trabalho Prevenção da Violência em <http://goo.gl/Q8cZ9E>.

Trote

A Unesp proíbe expressamente o trote. A punição para os infratores, regulamentada pela Resolução Unesp nº 86, de 4 de novembro de 1999 http://www.unesp.br/portal#!/ouvidoria_ses/legislacao4157/, varia conforme a gravidade do caso, podendo chegar à expulsão.

Denúncias contra trote violento ou contra qualquer outra espécie de violência podem ser realizadas junto à vice-diretoria da unidade, à ouvidoria local ou à Ouvidoria Central ouvidoria@reitoria.unesp.br.

Os contatos gerais para realizar denúncias contra trote violento estão em <http://unesp.br/disquetrote/>.

Fala do reitor Julio Cezar Durigan contra o o trote violento está disponível em vídeo que é passado aos alunos ingressantes: <https://www.youtube.com/watch?v=jcRbnEWekbw>.

Artigos sobre Universidade, violências e direitos humanos

Reflexão sobre a sociedade que vivemos: é a que queremos?
Chung Man Chin
<<http://goo.gl/hB4FoT>>

Mentiras e universidades
Ana Vieira
<<http://goo.gl/MRJMd6>>

A violência na Universidade
José Manoel Bertolote
<<http://goo.gl/u4QuJB>>

Trote: eu sinto vergonha e peço desculpas
Nelson Pedro-Silva
<<http://goo.gl/KUMFV8>>

As culpas da universidade
Jean Marcel Carvalho França
<<http://goo.gl/PJ8ca7>>

Open bar, a nova forma de roleta russa
José Manoel Bertolote
<<http://goo.gl/cq836p>>

Trotes brutais e o valor da vida
Nelson Pedro-Silva e Solange Loos da Rocha
<<http://goo.gl/MNvHHb>>

Bebidas alcoólicas e jovens

Esse público precisa estar consciente dos prejuízos e riscos associados ao consumo de álcool

Raul Aragão Martins e Luciana Aparecida Nogueira da Cruz

Shutterstock



Um programa identificaria alunos com padrão de risco, para posterior intervenção voltada à abstinência ou moderação de uso

As bebidas alcoólicas fazem parte das substâncias psicoativas (SPA) que atuam no sistema nervoso, geralmente produzindo sensações agradáveis. Inicialmente de obtenção difícil e produção restrita, elas eram utilizadas somente em cerimônias religiosas ou festas coletivas, em determinadas épocas do ano. Com a revolução industrial a produção foi incrementada e, como mais uma mercadoria, passou a ter o seu uso incentivado fortemente por meio de campanhas publicitárias muito bem elaboradas.

Essa situação, uma droga com venda legalizada para maiores de 18 anos de idade, mas com controles ineficazes para os que ainda não atingiram essa idade, só se torna notícia quando ocorre uma tragédia, como a morte no trânsito, sendo motorista, carona ou pedestre atingido por alguém

embriagado, ou por excesso de uso (overdose), como o que ocorreu com um de nossos alunos no início deste ano.

Essa situação nos leva a refletir sobre alguns pontos da relação entre bebidas alcoólicas e jovens, pois são estes que estão em nossa Universidade, em busca de formação para o pleno exercício da vida adulta. O primeiro deles se refere a como a televisão trata o tema, com apresentações de confrontos entre policiais e traficantes de drogas ilegais ou dramas familiares provocados por dependentes de drogas, como o crack, para, na mesma programação, veicular comerciais de bebidas alcoólicas, especialmente de cervejas. Estudos mostram que a mídia destinada ao público jovem não deixa claro que, embora bebidas alcoólicas sejam lícitas, elas também são drogas, e, portanto, acarretam danos à

saúde e prejuízos sociais.

O segundo ponto é a necessidade de deixar claro para esses grupos o que é “Beber com Moderação”, frase que um locutor anuncia ao final das propagandas de cerveja, mas não explica o que essas palavras significam. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define essa conduta como duas doses por dia para homens e uma para mulheres. Entendendo-se por dose toda a bebida que tenha cerca de 12 gramas de álcool puro. Em termos práticos essa quantidade é encontrada em uma lata de cerveja (350 ml), um copo de vinho (150 ml) ou em uma dose de destilado, como pinga, uísque ou conhaque (36 ml). Da cerveja para a pinga diminui-se somente a quantidade de água em que o álcool está diluído.

O terceiro ponto é o nível

de álcool no sangue (NAS), que dependerá da quantidade de doses ingeridas, peso e sexo da pessoa. Tomando, por exemplo, um rapaz que pese 60 quilos e beba uma dose em uma hora, ele alcançará o NAS de 0,025 e caso beba duas doses passará para 0,050. Por sua vez, se ele beber cinco doses em três horas, atingirá o nível de 0,093 e ficará embriagado ou, mais grave, se beber as cinco doses em uma hora alcançará o nível de 0,125. Esses cálculos podem ser facilmente simulados em uma planilha eletrônica disponível no endereço www.viverbem.fmb.unesp.br. Esses números são para rapazes, pois o álcool é uma droga que tem efeito diferenciado no organismo feminino. As moças têm menos enzimas que metabolizam o álcool, o que as torna mais sensíveis a essa substância. Lembrando, também, que

uma dose leva em média uma hora para ser eliminada e “banhos frios” ou “café amargo” não alteram o ritmo do metabolismo.

O quarto, e último ponto, refere-se às teorias sobre droga dependência, que consideramos como resultado de fatores biológicos, sociais e psicológicos. O fator biológico se refere ao nível da enzima que metaboliza o álcool, pois, se for alto, a pessoa beberá muito até perceber os efeitos negativos da bebida. Os fatores sociais podem ser sintetizados em uma sociedade que permite que seus adolescentes e jovens sejam bombardeados por sedutoras propagandas muito bem elaboradas que estimulam o consumo de bebidas. Lembrando que a propaganda de tabaco foi retirada da mídia e ano a ano o número de tabagistas diminuiu em nosso país. Entre fatores psicológicos temos o baixo nível de habilidades sociais e intolerância à frustração. A combinação desses fatores pode levar a situações em que o consumo de bebidas alcoólicas se inicie precocemente, em média aos 14 anos de idade, de acordo com as pesquisas sobre o tema.

Finalizando, para prever problemas decorrentes do uso excessivo de álcool, como os que ocorrem em festas de estudantes, recomendamos a implantação de programa para identificação precoce dos alunos que apresentam um padrão de risco, para aplicação posterior de intervenção breve voltada à abstinência ou moderação de uso. E, principalmente, a sensibilização e conscientização dos jovens sobre os prejuízos e riscos associados ao consumo de bebidas alcoólicas.

Raul Aragão Martins e Luciana Aparecida Nogueira da Cruz são professores da Unesp. Lecionam no Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas do Câmpus de São José do Rio Preto. Contatos: <raul@ibilce.unesp.br> e <lucruz@ibilce.unesp.br>.

Origem e evolução dos asteroides Cybele

Trabalho sobre esses corpos celestes foi publicado em revista da Royal Astronomical Society

O trabalho sobre a evolução dinâmica dos asteroides Cybele, produzido por um grupo de pesquisa coordenado por Valerio Carruba, professor da **Unesp** de Guaratinguetá, foi publicado recentemente na revista *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society* (*MNRAS*, 451, 4763). O estudo também foi aceito como apresentação oral na próxima assembleia geral da International Astronomical Union, que acontece em agosto em Honolulu, Hawaii, EUA.

Os Cybele representam os objetos mais externos do cinturão principal de asteroides, uma região do sistema solar entre Marte e Júpiter que reúne cerca de 600 mil desses corpos celestes. “Atualmente, presume-se que o grupo é formado por aproximadamente 1.500 asteroides com órbitas bem determinadas”, esclarece Carruba.

Efetuada com patrocínio da Fapesp, a pesquisa mostra que os Cybele poderiam se estender mais longe do que se supunha anteriormente, com uma nova possível família, a de Helga. O grupo se localizaria na distância entre 3,3 e 3,9 Unidades Astronômicas (UAs). A Unidade Astronômica é uma unidade de distância aproximadamente igual à distância média entre a Terra e o Sol, de cerca de 150 milhões de quilômetros.

O trabalho também conclui que esses objetos não podem ser



Nasa/JPL-Caltech

Hipótese de equipe é que asteroides ocuparam região atual em consequência dos efeitos do choque de Júpiter com outro planeta

primordiais – ou seja, não estariam nessa mesma região desde a formação do Sistema Solar, entre 4,5 bilhões e 4,6 bilhões de anos atrás –, mas devem ter chegado a essa faixa do grande cinturão de asteroides depois do chamado Bombardeamento Lunar Tardio, período em que o Sistema Solar sofreu o impacto de um grande número de asteroides, entre 4,2 bilhões e 3,8 bilhões de anos atrás.

O grupo Cybele é formado por

asteroides escuros, isto é, que refletem pouco a luz solar, com baixa densidade e associados a grupos taxonômicos primitivos – ou seja, são objetos de formação mais antiga. Na região analisada, existem vários asteroides binários (com um corpo principal e um satélite) e triplos (um corpo principal e dois satélites). Entre eles está o 87 Sylvia, um asteroide triplo associado com a família mais numerosa da região.

Considerando que a região ocupada pelos Cybeles apresenta estabilidade com tempo-escala compatível com a do Sistema Solar, um dos mistérios dessa região é o número relativamente baixo de asteroides dessa classe, em comparação com regiões análogas do cinturão principal.

O trabalho propõe como hipótese que esse grupo deve ter sido capturado na região depois das últimas fases de migração

planetária e do bombardeamento lunar tardio, em consequência dos efeitos gravitacionais do choque de Júpiter com um outro planeta, que acabou expulso do Sistema Solar. Isso poderia explicar o baixo número desses corpos atualmente conhecidos.

Os artigos do grupo estão disponíveis em:
<http://goo.gl/uPKNQh>.

Solução analítica para a “discórdia quântica”

Pesquisa de docente de Bauru é publicada na revista *Scientific Reports*, do grupo Nature

José Tadeu Arantes – Agência Fapesp

Professor do Departamento de Física da Faculdade de Ciências da Unesp, Câmpus de Bauru, Felipe Fanchini, obteve uma solução analítica para a chamada “discórdia quântica”. O feito é importante porque, apesar de todos os esforços realizados pela comunidade científica na última década, não existe solução analítica exata para o problema, mesmo no caso dos sistemas mais simples possíveis – aqueles constituídos por dois bits quânticos.

O trabalho de Fanchini, realizado em parceria com pesquisadores chineses, foi publicado na revista *Scientific Reports*, do grupo Nature:



Divulgação

Fanchini (*dir.*) e Zhihao Ma, principal autor do artigo

“Quantum Discord for $d \otimes 2$ Systems”. “Em média, nosso resultado analítico diverge do valor exato por um fator de apenas 0,0001”, disse Fanchini à Agência Fapesp.

O artigo, o segundo publicado por Fanchini na *Scientific Reports*

em seis meses, é resultado do projeto de pesquisa “Estudo das correlações quânticas em sistemas quânticos abertos”, apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

A “discórdia quântica” é um conceito que se aplica a toda e qualquer correlação entre partículas ou conjuntos de partículas que esteja em desacordo com as leis da física clássica – daí a palavra “discórdia”. O conceito, considerado uma medida global das correlações quânticas, desempenha papel importante em alguns processos de informação quântica.

“Antes do conceito de ‘discór-

dia’, as correlações quânticas eram pensadas apenas em termos de ‘emaranhamento’. Depois compreendeu-se que outros tipos de correlações, mais fracas, também são possíveis”, informou Fanchini.

O “emaranhamento” ocorre quando pares ou grupos de partículas são gerados ou interagem de tal maneira que o estado quântico de cada partícula não pode ser descrito independentemente do estado quântico da outra ou das outras, por mais distantes que estas se encontrem.

Dentre as aplicações práticas relacionadas com a “discórdia” quântica, pode-se citar, por exemplo, a comunicação quântica, a cripto-

grafia quântica e, em especial, a metrologia quântica, que explora as leis da mecânica quântica a fim de melhorar a precisão na estimativa de parâmetros tecnologicamente relevantes, tais como fase, frequência ou campos magnéticos.

“Devido às dificuldades matemáticas, existem somente alguns resultados para a expressão analítica da ‘discórdia quântica’, e apenas para estados muito especiais a solução exata é conhecida”, afirmou Fanchini. “A metodologia que utilizamos configura uma nova estratégia para obtenção de soluções analíticas, inclusive para sistemas mais complexos.”

CONEXÕES INTERNACIONAIS

Parcerias com a Austrália

Três workshops em Araraquara geram uma força-tarefa visando à cooperação em pesquisa

Marcos Jorge

Entre os dias 13 e 17 de julho, no Câmpus de Araraquara, a **Unesp** recebeu uma delegação de pesquisadores australianos para a realização de três workshops, nas áreas de Química, Odontologia e Ciências Farmacêuticas. Além de apresentarem as pesquisas de cada setor, os três eventos também criaram uma “força-tarefa” para impulsionar projetos conjuntos nos campos de doenças infecciosas, biofilmes orais e ciência dos materiais.

Na abertura do encontro, a pró-reitora de Pesquisa Maria José Giannini enfatizou que essa iniciativa é consequência de uma missão de pesquisadores da **Unesp** que em junho de 2014 visitou 12 das principais universidades da Austrália. “O evento traz avanços em relação às missões realizadas no ano passado e ajuda a melhorar essas áreas, trazendo uma grande oportunidade de identificar potenciais parceiros para projetos de pesquisa”, afirmou.

Na cerimônia, o professor Carlos Vergani, assessor de Apoio à Cooperação da Assessoria de Relações Externas (Arex), apresentou dados da **Unesp** e oportunidades de financiamento de pesquisas no Brasil. Restrito à comunidade unespiana, o evento recebeu 211 participantes, sendo 95 do setor de odontologia, 63 de farmácia e 53 de química.

A delegação australiana foi formada por representantes da Universidade de Queensland, Universidade de New South Wales (ambas ranqueadas entre as 50 melhores do mundo no QS World University Ranking), Universidade Macquarie e Universidade de Tecnologia de Queensland. O grupo foi liderado pelo professor Paul Young, diretor da School of Chemistry and Molecular Biosciences, da Universidade de Queensland.



Mondini (esq.), Talita e Young: colaboração pelo sequenciamento genético de mosquito da dengue



Da esq. para a dir.: Marques, Jafelicci, Schenk, Taciane e Lisbeth vão estudar osteoporose

PARCERIAS

Nos primeiros dois dias, os pesquisadores dos dois países apresentaram trabalhos em suas especialidades. Em seguida, coordenadores escolhidos orientaram sessões que buscaram campos de colaboração. Uma sessão de apresentação de pôsteres reunindo as três áreas também foi organizada.

Especialista em virologia, Paul Young desenvolve pesquisas sobre dengue, assunto que há dois anos o aproximou do professor Adriano Mondini, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). O encontro em Araraquara viabilizou uma parceria entre as instituições, em que a **Unesp** fornecerá amostras do mosquito coletadas pelo grupo de Mondini e a mestrande Talita Motta Quiarin traba-

lhará com Young na Austrália no sequenciamento genético e na análise filogenética desse material.

“O vírus da dengue muda quando ele muda de hospedeiro. Existe uma alteração genética nessa mudança do homem para o mosquito e vice-versa”, explica o docente de Araraquara. “Com o sequenciamento e a análise genética, vamos tentar entender onde ocorrem essas mudanças.”

Nos próximos meses, os projetos propostos deverão ganhar corpo e buscar fontes de financiamento. “Nós vamos procurar editais da Fapesp e do CNPq, mas a Austrália também oferece oportunidades bastante interessantes”, explica Rodrigo Costa Marques, docente do Instituto de Química (IQ).

Os workshops viabilizaram a ida da doutoranda do IQ Taciane Pereira da Costa para pesquisas sobre osteoporose no laboratório da professora Lisbeth Grondahl, também da Universidade de Queensland. Segundo o pesquisador, um aluno de pós-doutorado da Austrália talvez também realize parte de seus estudos no Brasil.

A proposta discutida entre Taciane, o professor Marques, o professor Miguel Jafelicci Junior, orientador da doutoranda, e Gary Schenk, líder do grupo de pesquisa em química de proteínas e enzimologia em Queensland, busca comparar as substâncias estudadas pela **Unesp** e pela universidade australiana no tratamento da osteoporose usando sistemas de liberação

de fármacos (drug delivery, em inglês). “A expectativa é que em dois anos ou menos nós já tenhamos algum artigo publicado”, explica Marques.

PROPOSTA TRIPARTITE

O encontro gerou ainda um projeto tripartite para pesquisas sobre biofilmes orais, que são massas de bactérias que se alojam principalmente na superfície dos dentes próxima à gengiva e respondem por 60% das infecções humanas.

Um dos maiores especialistas na área, o professor Lakshman Samaranayake, da Universidade de Queensland, debateu um projeto para o melhoramento de superfícies de implantes odontológicos a fim de prevenir a formação de biofilmes orais. A proposta envolve também o pesquisador Yin Xiao, da Queensland University of Technology, que já levou para a Austrália amostras de materiais desenvolvidos na Faculdade de Odontologia de Araraquara.

“No projeto iremos construir uma cotutela, em que a mestrande Bruna Pimentel, do Programa de Pós-graduação em Reabilitação Oral, irá se preparar para que parte do seu futuro doutorado seja realizada em Brisbane, sob supervisão minha e do professor Samaranayake”, explica o professor Vergani, docente do Departamento de Materiais Odontológicos e Prótese da FO.

Animado com as parcerias, o professor Young compara o processo de colaboração a uma árvore, em cuja copa estariam as visitas e missões institucionais, enquanto o tronco seriam as relações entre os docentes de cada instituição. “A raiz é isso que nós fizemos neste evento: conhecendo os respectivos grupos de pesquisas e o trabalho desenvolvido por cada um, no intuito de estabelecer um diálogo próximo”, comenta.

Fotos Marcos Jorge

Dois encontros ocorridos em julho nos Câmpus de Araraquara e Botucatu ilustram o avanço da Unesp na promoção de parcerias com universidades de outros países que desenvolvem pesquisas significativas em vários campos do conhecimento. Na reunião de Araraquara, foram acertados trabalhos conjuntos com quatro instituições da Austrália, voltados para temas como osteoporose, dengue e biofilmes orais. Em Botucatu, definiram-se projetos de cooperação com a Universidade de Keele, da Inglaterra, para a investigação de moléstias tropicais como dengue, malária e leishmaniose. Leia nestas páginas as reportagens sobre esses eventos.

Colaboração inglesa

Unesp e Universidade de Keele estreitam relações para investigar doenças tropicais

Cíntia Leone

A Unesp estabeleceu iniciativas de cooperação em pesquisa com a Universidade de Keele, da Inglaterra. A ação foi realizada durante encontro nos dias 13 e 14 de julho, no Instituto de Biotecnologia (Ibtec), Câmpus de Botucatu. O evento consolida a parceria entre o Ibtec e a Universidade de Keele, iniciada em 2014 no âmbito do acordo de cooperação Fapesp-Keele. Entre os temas de pesquisa estão doenças tropicais como dengue, leishmaniose e malária.

Na abertura do evento, a pró-reitora de Pesquisa Maria José Giannini destacou o aumento no número de artigos científicos e de formação de doutores na Unesp, além do incremento de parcerias com instituições estrangeiras. “É um crescimento sustentado porque vem acompanhado de investimentos e de ampliação da infraestrutura de pesquisa, como é o caso deste Instituto de Biotecnologia”, disse Giannini.

O Ibtec é uma unidade auxiliar interdisciplinar que dispõe de equipamentos de alto desempenho, como sequenciadores genéticos e microscópios de precisão. “O instituto já vem tendo um papel fundamental na interlocução entre os cientistas da Universidade, impedindo, por exemplo, que a instituição adquira equipamentos em duplicidade”, afirmou o biólogo Celso Marino, professor do Instituto de Biociências de Botucatu e coordenador do Ibtec.

Jayme Souza Neto, pesquisador do Ibtec e professor associado da Universidade de Keele, destacou a configuração do prédio, com um laboratório central cercado por diversos laboratórios auxiliares ou específicos. “É uma instalação moderna com todo o potencial para ser um centro de referência em inovação, cooperação em pesquisa e transferência tecnológica”, afirmou.

Gordon Hamilton, por sua vez, descreveu as potencialidades do centro que dirige na Universidade de Keele: o CAEP (Centre for



Pesquisadores no encontro em Botucatu: foco em moléstias como dengue, malária e leishmaniose



Maria José (centro) destacou avanço na produção de artigos e formação de doutores na Unesp

Applied Entomology and Parasitology, ou Centro de Entomologia e Parasitologia Aplicadas), voltado a estudos sobre doenças tropicais, pragas agrícolas e ciência básica sobre organismos de insetos e de parasitas. “A chave para o funcionamento dos nossos projetos é a intensa cooperação internacional que mantemos”, ressaltou.

Outra parceria celebrada foi a inclusão formal da Faculdade de Medicina (FM) nos programas de intercâmbio da Universidade de Keele. Em visita ao hospital da FM, a neurocientista Divya Chari, professora e diretora de Internacionalização da faculdade de medicina da instituição britânica, avaliou as vantagens para que os futuros médicos britânicos façam estágio na unidade. “Eles terão a oportunidade de lidar com problemas menos comuns no Reino Unido, como HIV, leishmaniose e picadas de animais peçonhentos,

por exemplo”, explica.

O estudante de Medicina em Keele Owen Davis, relatou o estágio de um mês realizado por ele na FMB. “Aprofundi meus conhecimentos em traumatologia lidando com pessoas acidentadas e tive muito apoio dos médicos e professores do hospital”, declara.

MOSQUITOS

Souza-Neto esteve em Keele para desenvolver parte de um estudo sobre o *Aedes aegypti*, o mosquito que transmite a dengue e outros males. O professor quer descobrir por que alguns mosquitos são resistentes ao vírus da dengue e para isso analisa bactérias presentes na flora intestinal dos insetos. “O entendimento dessas interações nos levará a uma nova categoria de insetos modificados, que terão imunidade antiviral ativada e não serão hospedeiros da doença”, argumentou.

Um de seus parceiros de pesquisa é o biólogo Julien Pelletier, da Keele, que está no Ibtec até setembro. Ele busca entender por que algumas pessoas não atraem o *Aedes aegypti*. “Estamos investigando o sistema olfativo dos mosquitos para estabelecer estratégias mais eficazes de controle, como, por exemplo, a criação de comprimidos e óleos repelentes específicos.”

A leishmaniose é o tema de estudo de muitos dos palestrantes presentes. A doença afeta cães e humanos e é muito prevalente no Brasil. Hamilton apresentou no encontro resultados de seus estudos sobre a reprodução dos flebotomíneos, também conhecidos como mosquitos-palha, responsáveis pela transmissão da doença. “Desenvolvemos feromônios sexuais sintéticos a partir de uma planta que podem interromper o estímulo reprodutivo dos insetos

e abrir um caminho para uma nova abordagem na prevenção”, esclareceu.

Já a médica Silvia Uliana, professora da USP, expôs os resultados promissores do uso de quimioterapia para o tratamento da patologia, especificamente o fármaco Tamoxifên, usado para combater o câncer de mama. Helen Price, da Keele, quer unir as respostas terapêuticas para a leishmaniose com as de uma outra doença que também não tem cura: a tripanossomíase africana, ou doença do sono. “Avaliamos o uso de uma enzima que tem forte ação sobre o ciclo de vida dos protozoários que causam cada uma das moléstias”, explicou.

O *Anopheles gambiae*, o mosquito que transmite a malária, é o alvo da pesquisa do biólogo Frédéric Tripet, também da Keele. “Nossa estratégia é entender a assinatura genômica do inseto para fazer intervenções no seu mecanismo sexual”, disse. Segundo o estudioso, o sequenciamento genético da espécie será fundamental para confirmar a importância de determinadas áreas do DNA para o seu processo reprodutivo.

O foco de Paul Horrocks está no parasita que vive dentro do mosquito transmissor da malária, o *Plasmodium falciparum*. O bioquímico de Keele apresentou um estudo de ensaios bioluminescentes em que drogas foram testadas e tiveram suas taxas de eficácia comparadas, criando uma base para subsidiar a busca por medicamentos antimalaríais.

A lista completa dos palestrantes do encontro inclui, ainda, os cientistas Silvana Schielini (FMB/Unesp), Silke Weber (FMB/Unesp), Catherine Merrick (Keele University), Mark Skidmore (Keele); Mara Pinto (Unesp em Araraquara), Marcelo Ferreira (USP), Paulo Ribolla (Ibtec), Deilson Elgui de Oliveira (Ibtec), Cláudia Saad (Upeclin/Unesp), Patrícia Pintor (Unipex/Unesp) e Rui Seabra (Cevap/Unesp).

Para entender os aquíferos

Obra de docente de Ourinhos explica onde estão e como são formadas as reservas de água subterrânea

A água dos aquíferos acaba de ganhar um livro dedicado a difundir seu potencial. *Águas subterrâneas: conceitos e aplicações sob uma visão multidisciplinar*, de Rodrigo Lilla Manziane, é editado pela Paco Editorial (338 páginas, R\$ 52,90) e apresenta em detalhes onde estão e como são formadas essas importantes reservas.

Professor da **Unesp** de Ourinhos, Manziane explica no livro que há sistemas de abastecimento baseados em águas superficiais (rios, lagos, represas), subterrâneas (poços) ou os chamados sis-

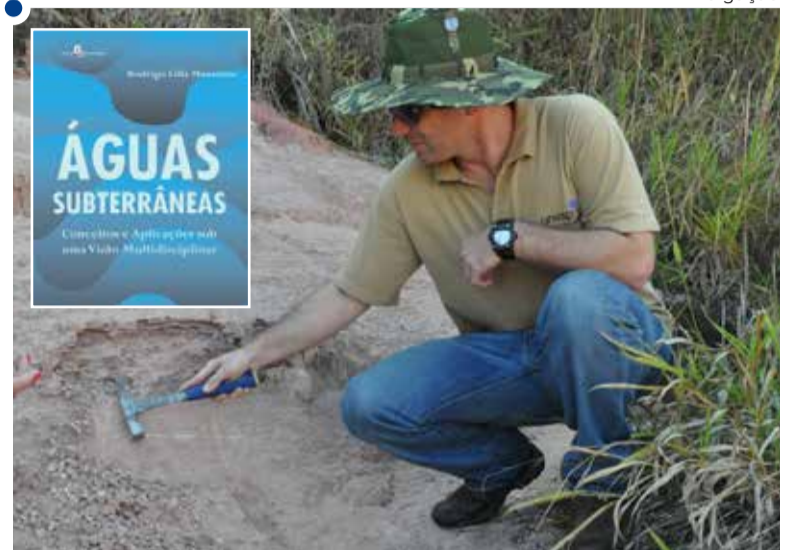
temas mistos, que se valem das duas fontes. Em épocas de crise hídrica como a atual, a procura pela água subterrânea para suprir a falta de volume dos rios pode aumentar sua parcela de contribuição aos sistemas, dando mais fôlego às reservas disponíveis para uso urbano e rural.

“Corre-se o risco de esse recurso estratégico ser utilizado de forma desordenada e levar a uma diminuição dos estoques de água subterrânea. Isso resulta em poços com maior tempo de recuperação após bombeamento ou mesmo poços secos, quando os níveis freáticos são muito sensíveis a efeitos

sazonais da recarga direta via chuva”, diz o especialista.

A obra apresenta um histórico sobre a exploração das águas subterrâneas; descrições sobre os principais aquíferos do Brasil e América do Sul; aborda questões sobre qualidade, amostragem e monitoramento das águas subterrâneas, além de atualidades sobre a gestão de recursos hídricos subterrâneos. (Fonte: *MR Comunicação Estratégica*)

Mais informações:
<<http://goo.gl/Tky5VE>>



Manziane e o livro: divulgação de potencial dos recursos

Jurumirim em análise

Pesquisa que analisa diferentes áreas do reservatório no Rio Paranapanema é premiada nos EUA

Adriana Donini

A doutoranda Juliana Pomari, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Zoologia) do Instituto de Biociências (IB) da **Unesp**, Câmpus de Botucatu, foi premiada durante a 58ª Conferência Anual da International Association for Great Lakes Research (IALGR). O evento foi realizado na Universidade de Vermont, em Burlington, nos Estados Unidos, de 25 a 29 de maio.

Orientada pelo professor Marcos Gomes Nogueira, do Departamento de Zoologia do IB, Juliana apresentou uma avaliação da compartimentalização espacial da Represa de Jurumirim, no Rio Paranapanema, região sudoeste do Estado de São Paulo. O estudo busca analisar a evolução da qualidade ambiental do reservatório, após um intervalo de duas décadas em relação a estudos anteriores.

Compartimentalização envolve as regiões com características diferenciadas numa represa – os compartimentos. Na área mais próxima da barragem, suas características são mais parecidas com as dos lagos (ambiente lático), enquanto a montante tornam-se mais semelhantes às dos rios (ambiente lótico).

A pesquisa integra capítulo do livro *Represa de Jurumirim: ecologia, modelagem e aspectos sociais*, editado pelo professor Raoul Henry, também do Depar-



Juliana, ao lado do professor Kane, seu orientador nos EUA, ao receber prêmio por seu estudo da qualidade ambiental de reservatório

tamento de Zoologia do IB. Para o estudo, Juliana analisou dados das características físicas, químicas e biológicas do local, além do índice de qualidade de água (IQA) estabelecido pela National Sanitation Foundation (NSF) e adaptado pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb).

“Foram consideradas seis estações de amostragem que incluem os distintos compartimentos espaciais do reservatório, identificados a partir de estudos anteriores e dispostos em um gradiente estabelecido entre o ambiente lótico e lático, além dos compartimentos mais importantes que estão lateralmente inseridos, na desembocadura do Rio Taquari e do Ribeirão das

Posses”, explica a doutoranda.

Juliana foi contemplada na modalidade International Travel Award, que confere suporte de viagem para o pesquisador participar de conferência anual da IAGLR. “O recebimento desse prêmio representa o reconhecimento do nosso trabalho e dedicação. Além disso, é uma excelente maneira de divulgar nossa pesquisa, nossa instituição e incentivar alunos e pesquisadores a participarem de programas e eventos internacionais”, comenta.

ESTÁGIO NO EXTERIOR

Desde maio, a pós-graduanda desenvolve estágio no Estado de Ohio, nos Estados Unidos, para aperfeiçoar novos índices de qua-

lidade ambiental que possam ser aplicados às águas continentais brasileiras.

“Com o objetivo de avaliar o grau de comprometimento ambiental nos reservatórios em cascata do Rio Paranapanema estamos desenvolvendo e validando o Índice Planctônico de Integridade Biótica (P – IBI) para reservatórios tropicais. O modelo está sendo desenvolvido a partir dos dados de pesquisa previamente coletados para minha tese de doutorado”, destaca Juliana. “Os Índices de Integridade Biótica são ferramentas utilizadas para medir o grau de comprometimento do ambiente e, de modo geral, apresentam um alto grau de confiabilidade.”

O estágio, que se estenderá até o final de outubro, é supervisionado pelo professor Douglas D. Kane, do Defiance College, e conta com a colaboração do professor Robert Michael Mckay, da Bowling Green State University, e de pesquisadores do Stone Laboratory.

“Eu fui muito bem recebida pelos professores Douglas D. Kane e Robert Michael Mckay, e o meu projeto está se desenvolvendo conforme o planejado. Além disso, estou tendo a oportunidade de passar um tempo em uma base de pesquisa no Lago Erie (Grandes Lagos), o Stone Laboratory, que pertence à Universidade Estadual de Ohio”, assinala a pós-graduanda.

Fotos Divulgação



Inaugurações em Botucatu

Fábrica de rações, aviário e baias para animais estão entre novidades na infra-estrutura da FMVZ

Sérgio Santa Rosa

A manhã do dia 3 de julho na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), da Unesp em Botucatu, foi dedicada a inaugurações de novas estruturas, em Rubião Júnior e na Fazenda Experimental Lageado.

Inicialmente, foi inaugurado o conjunto de baias para experimentação em equinos do Departamento de Cirurgia e Anestesiologia Veterinária. “A área de equinos é muito importante para nossa instituição e essa nova estrutura deve colaborar para que ela continue produzindo pesquisas de qualidade”, comentou o professor José Paes de Almeida Nogueira Pinto, diretor da FMVZ.

O chefe do Departamento de Cirurgia e Anestesiologia Veterinária, professor Celso Antonio Rodrigues, ressaltou a importância do trabalho coletivo para a realização da obra. “Só alcançamos esse bom resultado por causa do esforço em conjunto”, enfatizou.

Na sequência, foi inaugurado o conjunto de baias para pequenos ruminantes, pertencente ao Departamento de Clínica Veterinária. “Agradeço a todos os funcionários que participaram deste projeto. Acreditamos que a FMVZ como um todo não pode estar dissociada do Hospital”, disse o professor Alexandre Secorun Borges, chefe do Departamento.



Daniel Ornelas

A vice-reitora Marilza, com o diretor Paes, o prefeito Cury e Maria Denise Lopes, vice da FMVZ

O Centro de Esterilização de Materiais Hospitalares do Hospital Veterinário (HV), construído com recursos da Fapesp, foi a próxima estrutura inaugurada. O diretor da FMVZ agradeceu o empenho do atual supervisor do HV, professor Antonio José de Araújo Aguiar, e de seus antecessores nesse empreendimento.

O professor Paes também inaugurou o Centro de Apoio Oncológico, inteiramente construído com recursos da unidade. “A estrutura está pronta. Falta acabarmos de

equipar para colocarmos em funcionamento”, esclareceu.

Já na Fazenda Experimental Lageado, as inaugurações tiveram início com o Armazém do Lageado, que vai comercializar produtos oficiais da FMVZ e da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA). “É uma iniciativa pioneira no âmbito da Unesp”, afirmou Paes, que agradeceu o apoio da Unesp e da vice-reitora da Universidade, a professora Marilza Vieira Cunha Rudge, para a iniciativa. O professor João Carlos Cury Saad,

diretor da FCA, também falou sobre o projeto. “A loja faz parte de um processo que busca enraizar nossa relação com a Universidade”, assinalou.

Já com a presença da vice-reitora e do pró-reitor de Pós-Graduação, professor Eduardo Kokobun, foi inaugurado o Aviário II, do Laboratório de Aves do Departamento de Melhoramento e Nutrição Animal. O professor José Roberto Sartori agradeceu à Reitoria por financiar o projeto e à equipe da FMVZ, pelo apoio à

proposta. “Para nós, é um dia de júbilo”, comemorou.

A última solenidade da manhã foi a inauguração da Fábrica de Rações da FMVZ. Com 800 m², as instalações foram construídas dentro dos padrões de controle de qualidade exigidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

O deputado estadual Fernando Cury saudou a Faculdade pela iniciativa. “Essa conquista coroa o trabalho sério que a FMVZ vem realizando”, afirmou. O diretor da FMVZ traçou um breve histórico do projeto, agradeceu à Reitoria, ao professor Luiz Carlos Vulcano, seu antecessor no cargo, e aos servidores que trabalharam nesse projeto, especialmente o zootecnista André Michel de Castillos.

João Cury Neto, prefeito de Botucatu, mencionou a importância da Fábrica para a geração de receita para a Faculdade. “Vamos entrar com recursos para apoiar a Fábrica e, em contrapartida, teremos o apoio de vocês no fornecimento de ração para o nosso canil de Botucatu”, declarou.

A professora Marilza também parabenizou a FMVZ. “Considero essa iniciativa extremamente importante para nossa Universidade”, acentuou. Após o desceramento da placa, o zootecnista André Michel de Castillos guiou os presentes numa visita à Fábrica.

Fundação premia pesquisas

Dois trabalhos da área de avicultura da FMVZ foram laureados em conferência da Facta

A Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), Câmpus da Unesp de Botucatu, teve dois trabalhos premiados na edição 2015 da Conferência Facta, realizada de 26 a 28 de maio, em Campinas (SP). O evento, promovido pela Fundação Apinco de Ciência e Tecnologia Avícolas (Facta), reúne técnicos da agroindústria, consultores, empresários, pesquisadores, professores e estudantes.

Durante a Conferência aconteceu a 32ª versão do Prêmio José Maria Lamas da Silva, que estimula a interação mais acentuada



Reprodução

Evento reúne técnicos, empresários, professores e estudantes

entre os interessados no conhecimento técnico-científico e sua aplicação para melhorar a produção no setor. Ao todo 171 trabalhos foram apresentados, e premiados trabalhos orais e pôsteres, escolhidos por comissões formadas por

técnicos e pesquisadores.

A FMVZ foi laureada na categoria Melhor Pôster em “Outras áreas”, com o trabalho “O armazenamento influencia a Síndrome do Osso Negro em coxas de frango de corte”, que tem

como autores Grace Alessandra de Araujo Baldo, Ibiara Correia de Lima Almeida Paz, Edivaldo Antonio Garcia, Andréa Britto Molino, Cristiane Sanfelice e Javer Alves Vieira Filho.

A Faculdade também foi premiada na categoria Sanidade, com o trabalho apresentado na forma oral intitulado “Avaliação dos efeitos do precursor e inibidor de serotonina associados a *Lactobacillus spp* na morfometria intestinal de frangos de corte”, de autoria de Taís Cremasco Donato, Ana Angelita Sampaio Baptista, Bruna Domeneghetti Smaniotto, Keila C. de O. Dutka

Garcia, Adriano Sakai Okamoto, Julio Lopes Sequeira e Raphael Lucio Andreatti Filho.

Para Raphael Lucio Andreatti Filho, professor do Departamento de Clínica Veterinária da FMVZ e diretor de Cursos e Publicação da Facta, a premiação mostra a qualidade da pesquisa em ciência avícola da Faculdade. “Todas as pessoas relacionadas à Avicultura na FMVZ estão de parabéns devido ao excelente nível das pesquisas aqui desenvolvidas, redundando no reconhecimento do setor avícola brasileiro por meio da participação e premiação em eventos desse quilate”, comenta.

Unesp sobe em rankings QS

Em avaliação de instituições dos Brics, Universidade avançou três posições em relação a 2014; na América Latina, passou do 9º para o 8º lugar

A **Unesp** melhorou sua colocação em duas edições recentes de rankings universitários QS (Quacquarelli Symonds). Na avaliação relativa a instituições da América Latina, divulgada em junho, a Universidade passou da nona para a oitava posição. No ranking voltado para universidades dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), anunciado em julho, ela avançou do 30º para o 27º lugar, tendo sido a única instituição brasileira a subir de posição entre as 30 primeiras colocadas, em relação ao ano anterior. Nos dois casos, a Universidade ocupa o quarto lugar no País.

“Devemos comemorar mais esse reconhecimento que mostra o avanço da **Unesp** de maneira consistente e parabenizar o esforço de docentes, estudantes e funcionários na construção de uma universidade de excelência e reconhecida nacional e internacionalmente”, afirma a pró-reitora de pesquisa da **Unesp**, Maria José Soares Mendes Giannini. A *QS Quacquarelli Symonds University*, é uma publicação britânica que divulga alguns dos principais rankings mundiais das instituições de ensino superior.

No panorama da América Latina, as posições da **Unesp** na região e no Brasil em cada indicador de



Reprodução
QS divulga algumas das principais classificações mundiais da área

avaliação, respectivamente, são: reputação acadêmica (27ª e 8ª), reputação entre empregadores (47ª e 6ª), proporção de professor por estudante (44ª e 19ª), publicações por faculdade (6ª e 6ª), citações científicas (82ª e 21ª), quantidade de professores com doutorado (4ª e 4ª) e impacto na internet (9ª e 7ª).

Entre instituições dos Brics, as colocações da **Unesp** por indicador de avaliação, no quadro geral e no País, são: reputação acadêmica (38ª e 8ª), reputação entre empregadores (51ª e 6ª), proporção de professor por aluno (77ª e 22ª), publicações por faculdade (74ª e 6ª), citações científicas (130ª e 20ª), internacionalização por faculdade (71ª e 12ª), estudantes estrangeiros (169ª e 8ª) e professores com doutorado (14ª e 5ª).

Acesse o ranking QS para os Brics em:
<<http://goo.gl/Ah7DxD>>.

O ranking QS para a América Latina está disponível em:
<<http://goo.gl/s24CJA>>.

Universidade tem destaque em rankings Nature e Scimago

Em dois rankings regionais divulgados recentemente e voltados para publicação de artigos científicos a **Unesp** também se destaca. Na pesquisa Nature Global Index que envolve a produção da América Latina, a instituição ficou na sexta colocação na região e na terceira no Brasil. No Ranking Iberoamericano Scimago 2015, que avaliou artigos publicados entre 2009 e 2013, a Universidade permaneceu em quinto lugar no universo iberoamericano, sendo a terceira instituição na América Latina e a segunda no Brasil, atrás apenas da USP.

NATURE

Anunciado em junho, o *Nature Global Index* analisou artigos de 68 periódicos das áreas de física, química, ciências biológicas e ciências da terra e meio ambiente com impacto mundial. Foram avaliados três indicadores. O primeiro refere-se ao número bruto de artigos,

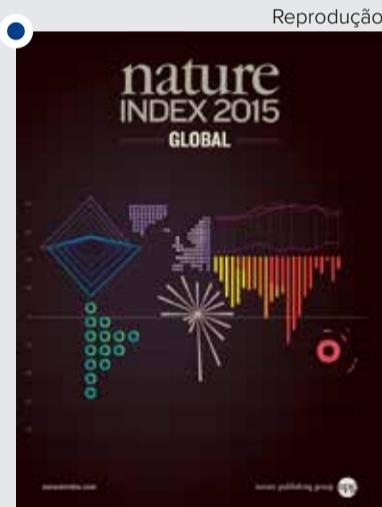
o segundo mede a participação das instituições em cada artigo, e o último (WFC ou contagem fracionada ponderada) emprega uma ponderação para retirar o “peso excessivo” da área de astronomia na base de dados.

No conjunto da América Latina, a primeira posição é da USP, seguida do National Scientific and Technical Research Council (Conicet), da Argentina,

Universidade de Buenos Aires, Universidade do Chile, UFRJ, Pontifícia Universidade Católica do Chile, **Unesp**, Unicamp, UFMG e UFRGS.

SCIMAGO

O Ranking Iberoamericano Scimago 2015, divulgado em julho, inclui 1.753 instituições da América Latina, Espanha e Portugal. A avaliação utiliza o Scopus, o maior banco de dados no mundo em termos de revistas acadêmicas e documentos de eventos de reconhecida qualidade. As cinco primeiras colocadas no universo iberoamericano são a USP, a Universidade de Lisboa, a Universidad Nacional Autónoma de México, a Universitat de Barcelona (Espanha) e a **Unesp**.



Reprodução
Título da *Nature* analisou artigos de 68 periódicos

Acesse o ranking Scimago:
<<http://goo.gl/ziOdvI>>.

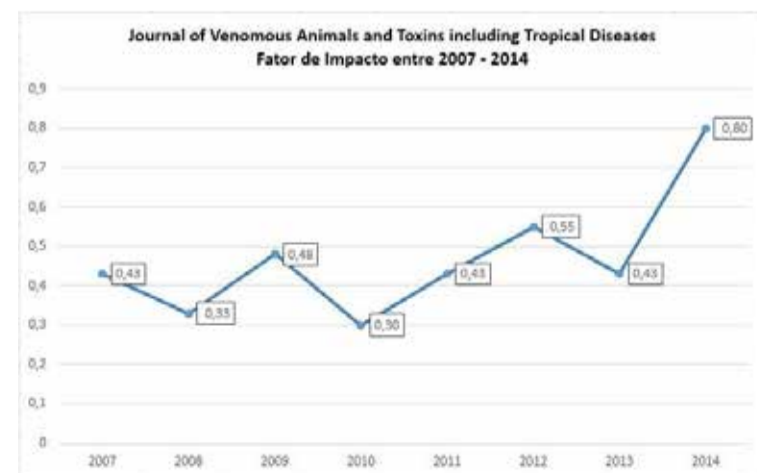
Acesso o ranking da Nature para a América Latina em:
<<http://goo.gl/IsxpIa>>.

Revista quase dobra fator de impacto

Citações de artigos de publicação de Botucatu tiveram aumento expressivo entre 2013 e 2014

A publicação *JVATiTD* (*Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases* - www.jvat.org), editada pelo Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (Cevap), da **Unesp** em Botucatu, quase dobrou seu Fator de Impacto (FI), ou seja, o número médio de citações dos artigos. Segundo dados divulgados em junho pela Thomson Reuters, o FI desse periódico passou de 0,43, em 2013, para 0,80, em 2014 (veja quadro).

O fator de impacto de 2014 foi calculado pelo número de citações dividido pela soma



dos trabalhos de 2013 e 2012. Em 2013, o *JVATiTD* publicou 34 trabalhos e, em 2012, 67,

totalizando 101, que passa a ser o denominador da equação do FI. Daí a subida de 2014 para 0,8.

O FI de 2013 foi 0,44 porque foram publicados, em 2012, 67 trabalhos, mais 67 em 2011, totalizando 134 (denominador da equação).

Os anos anteriores a 2011 seguem no mesmo número, ou seja, no mínimo 60 trabalhos eram publicados por ano, a pedido do SciELO (www.scielo.br). Assim, o denominador era sempre elevado e, portanto, o FI não subia.

Por ordem da BMC (BioMed Central), a revista passou a selecionar só artigos de ponta. “Por isso só publicamos 34 trabalhos em 2013. Resultado: qualidade é melhor que quantidade. Daí a

subida, quase o dobro, do FI”, explica Benedito Barraviera, editor do *JVATiTD*. O professor ainda informa que a publicação, hoje classificada com B3 no WebQualis da Capes, passará para B2.

Das 106 revistas brasileiras indexadas na base Thomson Reuters, o *JVATiTD* ocupa a 31ª posição. O fato negativo é que, este ano, há apenas 15 revistas com fator de impacto acima de 1,0 e apenas uma acima de 2,0. “Esse fato mostra a dificuldade que enfrentam as revistas nacionais frente à internacionalização da ciência brasileira”, diz Rui Seabra Ferreira Jr., coordenador executivo do Cevap.

Eleitos para a Academia de Ciências do Estado

Fotos divulgação



Matsas (esq.) e Haddad estão entre 38 novos membros da entidade

A Academia de Ciências do Estado de São Paulo (Aciesp) anunciou em junho 38 novos membros recém-eleitos. Agora, a instituição passa a ter 420 acadêmicos, que representam diversas áreas da ciência paulista. Dois deles são da **Unesp**: Célio Fernando Baptista Haddad, do Instituto de Biociências, Câmpus de Rio Claro, na área de Biociências; e George Matsas, do Instituto de Física Teórica, de São Paulo, na área de Física.

“A indicação para a Academia de Ciências do Estado de São Paulo foi sinceramente uma grande surpresa”, comenta o professor Matsas. “O Estado de São Paulo gera aproximadamente 50% da ciência nacional. Espero estar à altura dessa indicação.”

A Aciesp também indicou seu novo Conselho Diretor. Em sua primeira reunião, o Conselho apontou quatro temas principais como foco para 2015: a luz, o envelhecimento da população, as mudanças no uso da terra e as mudanças climáticas. Também salientou a impor-

tância de parcerias com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC), visando ao fortalecimento da ciência paulista e brasileira.

A Aciesp, em conjunto com o Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, colabora na produção do *Livro Branco da Água*, um documento que pretende mostrar a ciência por trás da origem desse recurso, os impactos e as possíveis soluções para as questões relacionadas à água no Estado, pensando sempre na utilização do conhecimento científico para resolver problemas em São Paulo.

A posse dos novos membros ocorrerá durante um evento sobre os Impactos das Mudanças Climáticas no Estado, que deverá ocorrer em outubro. (Com informações do *Jornal da Ciência*.)

Mais informações em:
<<http://goo.gl/y1EsYb>>.

Homenagem em Congresso na Eslováquia

Sérgio Santa Rosa

A Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da **Unesp**, Câmpus de Botucatu, esteve representada no XVII Congresso Internacional de Higiene Animal, realizado entre os dias 7 e 11 de junho em Koice, na Eslováquia. O professor Hélio Langoni e sua orientada, a doutoranda Anelise Salina, apresentaram trabalhos no evento, promovido pela International Society for Animal Hygiene (ISAH), que reuniu cerca de 150 pesquisadores de todos os continentes.

Anelise viajou com parte dos custos de passagem e hospedagem pagos pela Professor Tielens Foundation (PTF), após ter seu trabalho de mestrado selecionado num edital voltado para pós-graduandos dos países em desenvolvimento. O trabalho, intitulado “Análise genotípica e fenotípica da produção de biofilme por *Staphylococcus aureus* e *Staphylococcus coagulase-negativa* isolados de mastite bovina”, foi selecionado com outros 21 estudos e apresentado na forma de pôster.

“Foi muito interessante ter a oportunidade de apresentar o trabalho num evento internacional da minha área, ter contato e trocar experiências com pesquisadores de vários países, conhecer o que eles estão fazendo”, destacou Anelise. A doutoranda foi a quarta orientada do professor Langoni a

conseguir a premiação da PTF para participar do encontro.

HOMENAGEM

Durante a Assembleia Geral do Congresso, o professor Langoni recebeu um certificado do Conselho Executivo da ISAH por sua contribuição aos congressos e dedicação à entidade. O documento é assinado por Jörg Hartung, professor da Universidade de Hannover, na Alemanha, e presidente da ISAH. “Gostaria de dividir essa homenagem com todos os meus ex-orientados, todos os que trabalharam comigo”, declarou.

O professor Langoni viajou com auxílio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da **Unesp** e apresentou dois trabalhos no Congresso.

Divulgação



Langoni (dir.), com Anelise e Hartung, durante o evento

SEMPRE UNESP

Pianista internacional

Divulgação



Em junho, Ferreira tocou em concerto em Potsdam, na Alemanha

Formado em 2000 pelo curso de graduação em Música do Instituto de Artes da **Unesp**, Câmpus de São Paulo, o pianista Vagner Ferreira tem tocado em importantes centros de música do Brasil e do exterior. No dia 27 de junho, ele realizou mais um espetáculo internacional, como solista da 1ª Klaviernacht, um concerto open air que aconteceu na cidade de Potsdam, na Alemanha.

Ferreira se revezou com Hagen Schwarzrock, tocando com

a Orquestra Sinfônica Collegium Musicum Potsdam, sob regência do alemão Knut Andreas e da brasileira Cinthia Alireti, atual regente da Orquestra Sinfônica da Unicamp. O músico interpretou, de Felix Mendelssohn, o *Rondo Brillant para Piano e Orquestra Opus 29*, e a *Terceira Fantasia Brasileira*, do compositor brasileiro Francisco Mignone, obra executada em primeira audição naquela cidade.

Na **Unesp**, Ferreira teve como orientador o pianista e

professor Nahim Marun. “Minha história com a instituição tem sido de grande valor para minha caminhada artística”, afirma. Em 2014, concluiu o mestrado na Penn State University (EUA). Foi vencedor da Penn State Concerto Competition, o que o levou a participar da temporada de 2006 com a Penn State Symphony Orchestra, sob a regência do maestro Gerardo Edelstein.

No Brasil, já se apresentou em locais como o Theatro Muni-

cipal de São Paulo, a Sala São Paulo e o Teatro Municipal de Petrópolis (RJ), tendo tocado com músicos como o maestro Roberto Tibiriçá, num espetáculo com a Orquestra Petrobrás Pró-Música.

Atualmente, trabalha no Instituto Presbiteriano Mackenzie, em São Paulo, como pianista do Coral da Capela e do Coral Universitário, atuando também como coordenador da série de recitais Música na Capela.



Do Timor Leste a Bauru

Grupo de estudantes do país asiático está no país desde março estudando Meteorologia

O curso de graduação em Meteorologia da Faculdade de Ciências (FC), da **Unesp** de Bauru, iniciou este ano com oito alunos do Timor Leste. A chegada do grupo está relacionada a um acordo dos governos brasileiro e timorense para suprir a ausência de meteorologistas naquele país do Sudeste Asiático.

O Timor Leste foi colônia portuguesa do século XVI até 1975. Embora o português seja uma das duas línguas oficiais, a grande maioria da população fala apenas o tétum. O vice-diretor da FC, professor Paulo Noronha, enfatiza que, quando o grupo chegou, em março, a Faculdade passou a oferecer a esses estudantes um curso de Português do Brasil e Cultura Brasileira, ministrado pela professora Vera Capellini. “A



Divulgação

Empenhados, os oito alunos estão se integrando às aulas

diferença cultural é grande e eles tiveram dificuldades em questões como alimentação e gestão de dinheiro”, recorda.

Noronha esclarece que a Assessoria de Relações Externas (Arex) intermediou junto ao governo brasileiro a vinda dos

timorenses e o Escritório de Relações Internacionais (ERI) de Bauru colaborou na instalação do grupo em Bauru. Os jovens atualmente dividem uma moradia no Bairro Presidente Geisel, próximo do Câmpus.

A aluna Orchia Octaviana Magno Tilman admite que a falta de uma boa compreensão do português ainda é um problema. No entanto, ressalta que os professores e estudantes brasileiros do curso têm ajudado seus colegas a superar os entraves, explicando conceitos ou expressões que os timorenses não entendem. “Temos aulas de Cálculo, Geometria, Física e Meteorologia, que são muito difíceis, por isso temos que nos dedicar bastante”, afirma.

Angelina Baptista Freitas também aponta a dificuldade no idioma, enfrentada com

o apoio dos brasileiros. A aluna comenta, porém, que todo o grupo está satisfeito com o curso. “Precisamos ter conhecimento para trabalhar com radares meteorológicos, por exemplo”, justifica. “E isso vai ser importante não só para nós, mas também para o nosso país.”

Vice-coordenadora do curso de Meteorologia da FC, a professora Clara Iwabe comenta que os estudantes timorenses precisam se dedicar ao estudo, pois, se forem reprovados, perdem a bolsa que garante sua permanência no Brasil. “Ainda é um pouco cedo para fazer uma avaliação do grupo, mas, pelas informações que tenho recebido dos professores, eles têm se empenhado muito e se mostram cada vez mais integrados”, avalia a docente.

Prudente vence concurso de logotipo para Comitê

Maurício Keiti Abe, terceiroanista do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da **Unesp**, Câmpus de Presidente Prudente, foi o vencedor do concurso para definir o logotipo oficial do Comitê de Artes e Cultura (CAC) da Universidade. O estudante é orientando do professor Evandro Fiorin e integra o Núcleo de Arquitetura e Urbanismo (NAU), projeto ligado à Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex).

A título de prêmio, Maurício vai receber um diploma de menção honrosa e cinco livros do acervo da Editora Unesp à sua escolha. “O resultado foi uma surpresa para mim”, comenta. “A participação no concurso me ensinou muito, principalmente na área de arte e design,



Reprodução

Projeto adota triângulo equilátero que integra símbolo da **Unesp**

além de opções de software.”

O estudante também destaca sua participação no NAU. “Há muitos projetos sendo feitos no Núcleo e em cada um deles temos contato com alguma informação que não tínhamos aprendido em sala de aula.”

CAC

Ligado à (Proex), o CAC tem a missão de atuar na construção das bases da Política Cultural da **Unesp**. O Comitê exerce atividades como estabelecer políticas, aprovar padrões e especificações em projetos na área, bem como propor ações e uso de verbas e recursos da Proex ou parceiros institucionais. O CAC tem sua agenda e temas de discussão permanentemente divulgados no site da Proex.

Informações:
<<http://goo.gl/LIZHbl>>.

Equipe vence desafio de modelagem computacional

A equipe da Engenharia Mecânica da Faculdade de Engenharia da **Unesp** de Ilha Solteira (Feis) venceu o mais recente Desafio ESSS de Modelagem Computacional. A disputa ocorreu durante o evento 2015 ESSS Conference & Ansys Users Meeting, realizado entre 5 e 7 de maio, na cidade de São Paulo.

Formada pelos alunos Leonardo Olbrick Rodrigues Menossi, Gabriel Ivizi Mantovani e Lucas Ferreira Bertão, sob coordenação do professor Amarildo Tabone Paschoalini, a equipe teve uma semana para desenvolver e apresentar a solução de uma análise dinâmica na estrutura tubular de um veículo off-road de competição – também conhecido como Baja.

Estudantes de graduação em Engenharia Mecânica, Leonardo e Gabriel são integrantes da equipe TEC Ilha Baja. Lucas é orientando de mestrado do professor Gilberto Pechoto de Melo, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica.

Leonardo enfatiza que o prêmio é um diferencial na carreira dos membros da equipe, pois a disputa é semelhante à situação que um engenheiro vivencia numa empresa. “A boa base que

temos nas disciplinas de Mecânica na graduação somada às horas de trabalho e experiência do Baja justificam nossa vitória no desafio”, argumenta.

Segundo Lucas, o grupo enfrentou vários desafios, do esboço conjunto do trabalho até a execução da simulação final. “Pontos como a criação da malha a ser adotada e aperfeiçoamentos para tornar o resultado cada vez mais próximo do real também foram dificuldades encontradas”, assinala. Seu mestrado envolve modelamento computacional e simulação numérica de estruturas de torres de transmissão.

“Porém o tipo de análise que eu faço (método dos elementos finitos) não me impede de realizar modelagem e simulação de outros tipo de estruturas, como a da gaiola do Baja que foi proposta no desafio.”

O professor Paschoalini destaca a dedicação dos alunos para realizar as atividades propostas e o apoio dado à equipe pelos docentes da área de Mecânica dos Sólidos da Feis. “Agradeço também à Fepisa [Fundação de Ensino, Pesquisa e Extensão de Ilha Solteira] por patrocinar a viagem dos alunos para participar do evento”, diz.



Divulgação

Da esq. para a dir.: Leonardo, Gabriel, Paschoalini e Lucas



Competição ajudou Maurício a conhecer melhor área de design

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Unesp lança Guia Prático de Inovação



Luciana Maria Cavichioli – AUIN

A Agência Unesp de Inovação (AUIN) disponibilizou para download a primeira edição do *Guia Prático de Inovação: Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia*. O material foi desenvolvido com o intuito de orientar professores, estudantes e pesquisadores vinculados à Universidade sobre como proteger e comercializar uma criação intelectual.

O guia explica os processos de proteção da propriedade intelectual e da transferência de tecnologia desde o seu início, a partir da comunicação de invenção, passando pela proteção do conhecimento, avaliação e marketing tecnológico e licenciamento, até direitos e remunerações oriundas da tecnologia.

Esse material foi criado pela AUIN, órgão responsável pela política e gestão de proteção

intelectual e pelas ações que visam promover a transferência e o uso dos conhecimentos científico e tecnológico produzidos pelos pesquisadores da Universidade.

O Guia prático de inovação está disponível para download em: <http://www.unesp.br/auin>.

IFT realiza XXIX Jornada de Física Teórica

Ricardo Aguiar

O Instituto de Física Teórica (IFT) realizou, entre os dias 13 e 17 de julho, a 29ª edição da Jornada de Física Teórica (JFT). A tradicional atividade, promovida anualmente desde 1986, tem como um de seus principais objetivos divulgar as mais importantes áreas de pesquisa do instituto para alunos que estão nos últimos anos de graduação ou no início do mestrado. Dessa maneira, estudantes provenientes de universidades de todo o Brasil, e em alguns casos de outros países da América do Sul, podem conhecer mais sobre os programas de pós-graduação do IFT e aprender sobre temas atuais em Física.

“Ao longo da semana, cinco professores do IFT ministram minicursos em suas especialidades”, diz Ricardo D’Elia Matheus, organizador da JFT. “Assim, além de colocar os alunos em contato com nossas linhas de pesquisa, apresentamos conhecimentos sobre assuntos novos para eles e de maneira compreensível a todos.”

Temas frequentes nas JFT incluem Física de Partículas, Teoria das Cordas e Teoria de Campos, áreas de destaque

Reprodução

Evento se destina a alunos do Brasil e da América do Sul

do IFT. Esse ano, a Jornada também contou com cursos sobre Relatividade e Mecânica Quântica e, pela primeira vez, sobre Ondas Gravitacionais.

ONDAS GRAVITACIONAIS

As aulas sobre Ondas Gravitacionais foram dadas pelo jovem pesquisador do ICTP-SAIFR Riccardo Sturani. Essas ondas são geradas por qualquer corpo que tenha massa e que esteja em movimento acelerado, porém são extremamente fracas. Para terem efeito mensurável, precisam ser produzidas

por sistemas com grande quantidade de massa, como os de buracos negros ou de estrelas de nêutron. Apesar de já terem sido detectadas indiretamente, nenhum observatório conseguiu detectá-las de maneira direta até agora.

“Durante o curso, quis transmitir para os alunos como aplicar a Teoria de Campos especificamente para o estudo de ondas gravitacionais”, afirma Sturani. “Há observatórios que tentarão detectar essas ondas diretamente nos próximos anos, como os relacionados à colaboração Ligo, da qual faço parte. Ondas gravitacionais permitiriam, por exemplo, observar corpos no espaço que não emitem luz, mas que emitem essas ondas.”

PRÓXIMAS EDIÇÕES

Para quem tiver interesse em participar das próximas edições, o período de inscrição geralmente ocorre em maio e é divulgado pelo site do IFT e pela página do instituto no Facebook. Entre os critérios de seleção estão análise de currículo e desempenho acadêmico. O evento possui apoio da Fundação IFT e oferece auxílio hospedagem para alguns dos alunos selecionados.



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Márcio França

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

REITOR: Julio Cezar Durigan
VICE-REITORA: Marilza Vieira Cunha Rudge
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Carlos Antonio Gamero
PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Laurence Duarte Colvara
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: Eduardo Kokubun
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
Mariângela Spotti Lopes Fujita
PRÓ-REITORA DE PESQUISA: Maria José Soares Mendes Giannini
SECRETÁRIA-GERAL: Maria Dalva Silva Pagotto
CHEFE DE GABINETE: Roberval Daiton Vieira
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
E IMPRENSA: Oscar D’Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA:
Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA:
Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO:
Mario de Beni Arrigone
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS:
José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO:
Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES
UNIVERSITÁRIAS:
Francisco Leydson Formiga Feitosa (FMV-Araçatuba),
Ana Maria Pires Soubhia (FO-Araçatuba), Cleopatra da
Silva Planeta (FCF-Araçatuba), Andreia Affonso Barretto
Montandon (FO-Araçatuba), Arnaldo Cortina (FCL-
Araraquara), Leonardo Pezza (IQ-Araçatuba), Ivan
Esperança Rocha (FCL-Assis), Nilson Ghirardello (FAAC-
Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-
Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), João
Carlos Cury Saad (FCA-Botucatu), Pasqual Barretti (FM-
Botucatu), Maria Dalva Cesario (IB-Botucatu), José Paes de
Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre
Monteiro de Figueiredo (Dracena), Célia Maria David
(FCHS-Franca), Marcelo dos Santos Pereira
(FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira Rodrigues
(FE-Ilha Solteira), Ricardo Marques Barreiros (Itapeva),
Maria Cristina Thomaz (FCAV-Jaboticabal), José Carlos
Miguel (FFC-Marília), Andréa Aparecida Zacharias
(Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente),
Reginaldo Barboza da Silva (Registro),
Jonas Contiero (IB-Rio Claro), Sérgio Roberto Nobre
(IGCE-Rio Claro), Renata Maria Ribeiro (Rosana),
Maria Tercília Vilela de Azeredo Oliveira (Ibilce-São José
do Rio Preto), Carlos Augusto Pavanelli (ICT-São José
dos Campos), Mario Fernando Bolognesi (IA-São Paulo),
Rogério Rosenfeld (IFT-São Paulo), Wagner Cotroni Valenti
(CLP-São Vicente), André Henrique Rosa (Sorocaba) e
Danilo Florentino Pereira (Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Cinthia Leone e Daniel Patire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Adriana Donini, Luciana Maria
Cavichioli, Ricardo Aguiar e Sérgio Santa Rosa (texto);
Marcos Jorge (texto e fotos); Daniel Ornelas (fotos)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Phábrica de Produções
(diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola)
(diagramadores: Bruna Rodrigues, Jéssica Teles,
Marcelo Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcato
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 6 mil exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado
mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa
(ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é
permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro,
CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 Indústria Gráfica

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<<http://unan.unesp.br/>>
Rádio Unesp:
<<http://www.radio.unesp.br/>>
TV Unesp:
<<http://www.tv.unesp.br/>>

CORES SOBRE AS ÁGUAS

Obras de Maurício Adinolfi nascem da colaboração com comunidades como pescadores e barqueiros

Oscar D'Ambrosio

Fotos divulgação



Colaboração do artista com a Associação dos Barqueiros de Marabá, no Pará, promoveu pintura de embarcações na orla do Rio Tocantins

A realização e a discussão de trabalhos artísticos que são projetos compartilhados, desenvolvidos em áreas onde as questões entre natureza e civilização estão em constante conflito, caracterizam as reflexões da dissertação de mestrado *Madeira sobre mar: intervenções*, de Maurício Adinolfi. A pesquisa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, do Instituto de Artes (IA) da **Unesp**, em São Paulo, teve a orientação do professor José Spaniol.

Adinolfi destaca inicialmente seu projeto *Cores no Dique*, intervenção urbana constituída por uma pintura espacial de grande dimensão junto a palafitas da Vila Gilda, em Santos (SP). A ação começou em 2009, graças ao Prêmio Interações Estéticas I e II, Residências Artísticas em Pontos de Cultura, concedido pela Funarte – Ministério da Cultura.

Grande parte das casas é feita de palafitas, estruturas sustentadas por caibros acima do rio, aprofundados a seis metros abaixo do solo. A matéria-prima das casas é madeirite, utilizado com tecnologia desenvolvida pelos moradores.

A pintura, mais especificamente a troca de cores dos madeirites, foi o ponto de partida do trabalho. “Toda ação era realizada coletivamente, desde a escolha das cores à composição e construção nas casas/palafitas. Isso permitiu uma ampla discussão sobre questões de moradia e meio ambiente, extrapolando as questões estéticas”, aponta.

Um segundo momento da pesquisa enfoca a instalação *Sobre mar, madeiras e outros animais*, erguida através da coleta, acumulação de madeiras e intervenção na

entrada do Edifício Copan, em São Paulo (SP), num projeto que teve apoio da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

Foi necessário um acordo coletivo com os moradores e a administração predial. O objetivo foi construir com madeira sobre o concreto, acrescentando à curva do Copan um ruído marítimo, uma ressaca. “Toda a base de pensamento dessa intervenção vem da pintura e do diálogo em relação ao desenho do edifício”, comenta Adinolfi.

ACÇÕES NO PARÁ

Um outro momento foi a intervenção *Barco*, em 2013, no Estado do Pará, com grande variedade de relações e influências. Além do trabalho coletivo e colaborativo, a proposta é fruto de uma investigação da iconografia regional, da pintura corporal indígena e das cores de embarcações de madeira.

O contato do artista com a Região Norte acontece desde 2010, época em que realizou uma exposição em Belém, a capital paraense. Ao ser convidado a expor os trabalhos na cidade de Marabá, ao sul do Estado, frequentou o Cabelo Seco, ponto de grande importância na história local.

Surgiu assim a proposta de uma oficina de criação, que resultou na pintura da canoa de um pescador. Essa ação criou a expectativa de ampliar a proposta. O projeto aconteceu dentro da programação do Encontro Carajás Visuais, do Edital Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais, 2012.

A principal parceria do projeto *Barco* foi realizada com a Associação de Barqueiros de Marabá. “As atividades de criação e pintura dos barcos ocorreram na escadaria

próxima à cooperativa, na orla do Rio Tocantins, espaço de trabalho, reforma e construção dos barcos”, afirma Adinolfi.

PINTURA NOS MOLICEIROS

A última parte do projeto enfoca uma residência artística em Portugal, com uma investigação sobre o processo de pintura dos barcos tradicionais chamados moliceiros, que navegam na Ria de Aveiro, região lagunar do Rio Vouga, em Portugal.

Foram estudados procedimentos de pintura, composições cromáticas, influência de cor e desenhos tradicionais dessas embarcações. “O barco moliceiro era originalmente utilizado para apanha do moliço, plantas aquáticas que são colhidas para serem usadas na agricultura. Atualmente é usado para fins turísticos”, comenta.

Essa parte da pesquisa envolveu uma parceria entre a **Unesp**, a Universidade de Aveiro e a Escola Politécnica do Porto, numa residência artística de 40 dias, o que possibilitou a relação direta com construtores e pintores de moliceiros nos seus estaleiros de produção.

As intervenções realizadas, para Adinolfi, têm a pintura como fundamento e são valorizadas em parcerias com associações de trabalhadores, órgãos governamentais e cooperativas. “Discutir as relações éticas é o objetivo principal”, conta Adinolfi. O pesquisador também realizou, no âmbito do trabalho, uma exposição no IA, em maio, além da instalação *Calafate*, projeto contemplado pelo Prêmio Funarte de Arte Contemporânea 2014 e apresentado de 20 de junho a 3 de agosto, na Funarte, em São Paulo.



Projeto Cores no Dique coloriu palafitas em Santos...



...Proposta foi realizada por meio de diálogo com moradores



Em Portugal, Adinolfi pesquisou pintura de barcos moliceiros